

Autor de *Francisco – O Grande Reformador*

Austen Ivereigh

# O Pastor Ferido

O Papa Francisco e a Sua Luta  
para Converter a Igreja Católica

«Este livro será  
uma revelação para os leitores  
interessados no modo  
como funciona o Vaticano.»

*PUBLISHERS WEEKLY*



v o g a i s

# Índice

Prólogo .....	9
Um: A Missão de Um Pecador .....	13
Dois: Se os Cães Ladram .....	39
Três: Mediadores, não Intermediários .....	67
Quatro: Tempo de Servir .....	101
Cinco: Uma Igreja em Chagas .....	139
Seis: Próximo e Concreto .....	199
Sete: Salvar a Nossa Casa Comum .....	251
Oito: <i>La Patria Grande</i> .....	285
Nove: Esta Família Turbulenta .....	315
Dez: A Misericórdia e os Seus Descontentamentos .....	351
Epílogo .....	397
Notas .....	431
Nota sobre as Fontes .....	487
Agradecimentos .....	493
Índice Remissivo .....	497

## A Missão de Um Pecador

O papa estava a almoçar com uns familiares barulhentos na residência do arcebispo em Turim. «Come, Giorgio!», disse-lhe a velha senhora. «Não, não, tenho de ter cuidado», protestou ele, recusando servir-se por uma segunda vez, enquanto os seis primos e as respectivas famílias, mais de trinta pessoas no total, riam às gargalhadas. Estávamos em junho de 2015. Mesmo antes da eleição, dois anos antes, Francisco já não tinha a figura alta e magra que fora a sua durante décadas em Buenos Aires, e agora, aos 78 anos, com os comprimidos para a ciática e as massas que comia, não podendo já *callejear* — calcorrear as ruas como fora seu hábito no passado — estava mais cheio. Porém, a *signora* Carla não era da mesma opinião. «Mas tu alimentas-te do quê, afinal?», queixava-se ela. «Não comes nada!»

Francisco é um papa do povo e para o povo, mas é sobretudo um papa *com* o povo. É isto que todos, sejam seus admiradores ou inimigos, identificam em Francisco: a sua afinidade congénita com a espécie humana, o modo como transforma pessoas que à partida não nos suscitariam muita atenção em indivíduos merecedores de interesse e em protagonistas. Alguns dizem que é um populista numa época de populistas, mas isso é atribuir um significado errado ao populismo. Francisco não está a servir-se da sua comunhão com as pessoas para alcançar o poder, até porque repudia esse género de poder; não está a criar barreiras para proteger as pessoas de ameaças iminentes, mas sim a proporcionar portas e pontes que possam expandir as suas possibilidades. É um homem cativante e enérgico, embora humilde. Comete

erros e pede perdão. A sua missão é levar a Igreja ao povo, com o intuito não só de salvar o povo, mas também de salvar a Igreja.

O povo, como ele gosta de dizer, é infalível «na sua crença». As pessoas do povo podem não ser capazes de explicar o porquê de acreditarem em Deus, mas conhecem Deus. Pessoas como a velha Carla, que ele ficou a conhecer nas visitas regulares que fez ao longo dos anos depois de ter sido ordenado arcebispo de Buenos Aires em 1998, quando começou a viajar de avião para Roma pelo menos uma vez por ano para participar em reuniões — geralmente em fevereiro, altura da sua penitência quaresmal —, ocasiões em que por vezes acrescentava alguns dias de passagem por Turim. Daí, seguiam-se duas horas de viagem pelas colinas em redor de Asti, as *fons et origo* do clã Bergoglio, onde desfrutava de churrascos na companhia de primos na aldeia de San Carlo, na região de Tigliole.

Agora, portanto, na sua primeira visita a Turim desde que foi nomeado papa, o que não falta são conterrâneos que saibam dizer como ele é. Um deles é Don Angelo Franco, padre da paróquia de San Carlo, que descreve à televisão da localidade o excelente dialeto piemontês do papa e o seu entusiasmo pelos pratos da região, os raviólis e a *bagna càuda*. Ele pode ser o papa e ser argentino, declarou Don Angelo à televisão durante a visita papal de junho de 2015, mas qualquer pessoa vê que continua a ser um humilde *astigiano* como o pai e os avós, «cheio de humanidade»<sup>1</sup>.

Esta ocasião representou uma pausa para Francisco. À semelhança de Jesus, que parou em Betânia com os seus velhos amigos antes de partir para Jerusalém a fim de reverter as posições no templo, Francisco visitou a cidade dos avós pouco antes da sua visita aos Estados Unidos da América, onde se acantonavam os seus críticos mais ferozes. Entre os fiéis habituais, a sua popularidade e o seu prestígio estavam no seu apogeu. Os *media* ainda o pintavam como o papa reformador que tinha posto a Igreja num novo e arrojado caminho pautado pelo Evangelho, enfrentando a resistência de uma velha guarda corrupta, uma narrativa simplista que até então persistia. E embora a maré de oposição em fúria fosse já visível, a sua força ainda não se tinha tornado palpável por meio de petições e acusações de heresia. As reformas do Vaticano levadas a cabo por Francisco estavam a combater uma esclerose institucional,

mas não tinham ainda sido travadas; do mesmo modo, a ineficácia dos bispos para resolverem os casos de abusos ocorridos nas décadas anteriores ainda não chegara a público com a força devastadora com que veio a surgir três anos mais tarde. Havia até a impressão generalizada — em parte devido às pistas que o próprio Francisco deixara estrategicamente subentendidas — que este não seria um pontificado longo e que uma parte da velha guarda no Vaticano ficara convencida de que teriam apenas de se preparar para uma crise e esperar que a tempestade argentina passasse. Na verdade, porém, essa tempestade estava só a começar.

A visita a Turim ocorreu num período tenso entre dois sínodos, na véspera da publicação da sua bombástica encíclica ecológica, muito pouco tempo antes das viagens que foram, até agora, as mais ambiciosas do seu papado: as viagens à América do Sul, a Cuba e aos Estados Unidos, e depois, em novembro, a África, com o intuito de inaugurar o Ano do Jubileu da Misericórdia em zona de guerra.

Esta foi uma das três visitas a Itália realizadas em 2015: Francisco tinha estado em Nápoles em março, e em novembro viria a fazer um discurso muito bem recebido em Florença. Como sempre acontecia em todas as suas visitas apostólicas, Francisco chegou a Turim com os objetivos de consolar e edificar, de fortalecer e inspirar, de consolidar a Igreja local e lançar cordas de resgate sobre ravinas de preconceitos e de desentendimentos. Porém, tinha também um outro objetivo pessoal que acabou por tornar esta décima sexta viagem do seu pontificado algo diferente de todas as outras: entrar em contacto com a parte europeia da sua alma, a mesma que o pai e os avós tinham deixado para trás quando, sete anos antes de o futuro papa ter nascido, em 1936, tinham entrado num barco com destino à Argentina.

No perfil de Jorge Mario Bergoglio, alto, corpulento, com uma cabeça angulosa e um olhar penetrante, podemos desvendar os traços do seu avô Giovanni. É costume dizer-se que um argentino é um italiano que vive na América do Sul e fala espanhol, e é verdade: o Piemonte corre nas veias do papa. A terra alpina que Giovanni e Rosa, a sua mulher, trocaram pelas pampas deixara vestígios no seu neto da *rassa nostrana libera e testarda*, «nossa raça livre e obstinada», conforme Nino Costa, o poeta da localidade, retratou as pessoas que viviam no sopé

dos Alpes: uma gente sem papas na língua e teimosa que fala pouco, mas diz muito; uma gente que caminha devagar, mas que vai longe; que trabalha arduamente, mas sabe apreciar o seu vinho. Em criança, Jorge Mario aprendera de cor com Rosa o poema «Rassa nostrana» em Buenos Aires. Agora, em Turim, recitava uma parte desse poema em dialeto a meio da sua homilia, na Piazza Vittoria, chegando a interromper-se emocionado, talvez com Rosa no pensamento. A multidão emocionou-se com ele, irrompendo em aplausos.

Como sempre, Francisco veio anunciar a proximidade de Deus, a mensagem-chave da misericórdia que por alguma razão os católicos tinham conseguido relegar para os últimos parágrafos do editorial das Boas Novas Cristãs. Francisco estava em Turim para afirmar a Igreja rejubilante, centrada na periferia, que tenta chegar ao encontro dos outros, para mostrar que era ainda possível encontrar Jesus para lá da instituição introvertida e clerical que se contentava em viver à sombra dos seus louros conforme cada vez menos pessoas se sentavam nos bancos das igrejas. Mas desta vez Francisco tinha um segundo objetivo: honrar os seus antepassados, donos de uma obstinação santa, cuja devoção rural era tão sólida e fértil quanto as colinas cobertas de aveléiras.

Em fevereiro de 2001, dias antes de ter sido ordenado cardeal pelo papa João Paulo II na Praça de São Pedro, o arcebispo Bergoglio fez uma visita a Asti com o seu sobrinho jesuíta, o padre José Luis Narvaja. Acompanhados por dois dos primos Bergoglio, foram para a povoação de Portacomaro Stazione, localizada a 15 minutos da cidade, onde os seus antepassados tinham sido criados numa quinta. O proprietário atual da quinta mostrou-lhes a fantástica paisagem que se estendia sobre o vale de Monteferrato, tingido de verde-escuro, bem como a defunta prensa vinícola e as muitas barricas de carvalho para vinho que ainda tinha armazenadas na cave fresca que ficava nas traseiras, barricas essas que o bisavô de Bergoglio, de nome Francesco (o nome que ele viria um dia a ter como papa), chegara a usar para envelhecer o seu *vino rosso*.

Existe uma fotografia que, segundo o padre Narvaja, poderá ter sido tirada nessa viagem, ou quiçá noutra (as viagens eram muitas).

Os dois padres estão de pé, debaixo do telhado de terracota do alpendre, ladeados pelos primos de faces coradas, muito sorridentes, de chapéu e com as mangas arregaçadas. Na fotografia, o recém-eleito cardeal, na altura com 65 anos, ainda magro, mostra ainda um cabelo grisalho um pouco ralo sobre a calva e um sorriso ténue. (Sempre detestou fazer pose, e ainda hoje aparece quase sempre com ar de resmungão nas fotografias de protocolo.) O avô Giovanni costumava falar-lhe da quinta, chamada Bricco Marmorito, com os seus oito hectares de vinhas e bosques em redor. O velho adorava evocar a beleza acidentada e verdejante da região, de forma que, na altura em que o neto a visitou, já há muito que ela vivia na sua imaginação.

Giuseppe Bergoglio e os seus dois irmãos compraram Bricco Marmorito no início da década de 1800. Francesco, o filho de Giuseppe, foi pai de quatro filhos, entre os quais Giovanni, o avô do futuro papa, nascido em 1884. Os irmãos de Giovanni, Lorenzo, Eugenio e Vittorio, juntaram-se mais tarde às dezenas de milhares de pessoas que partiram para a Argentina após a Primeira Guerra Mundial, mas Giovanni só acabou por se juntar a eles em 1929. Por essa altura, já ele estava a meio da casa dos 40 anos, e tinha a seu cargo Rosa, a mulher, e o único filho, Mario, então com 20 anos, o futuro pai do papa.

Depois de ter trocado Bricco Marmorito por Turim, com 22 anos, e antes de ter deixado a Itália com destino à Argentina, aos 45, Giovanni trabalhou na cidade, a fabricar o vinho amargo e enriquecido com ervas aromáticas e especiarias, conhecido por *vermut*, pelo qual, juntamente com o chocolate de avelã, a cidade era conhecida. Em 1907, pouco tempo depois de ter chegado a Turim, conheceu e casou com Rosa Margherita Vassallo, de Piana Crixia, cidade localizada a uns 24 quilómetros a norte de Savona, junto à fronteira sul de Piemonte. Rosa tinha morado na cidade até aos 8 anos, altura em que a mãe a mandara viver com a tia, a conselho do padre da paróquia. O clérigo apercebera-se da inteligência da menina e achara que, com a instrução apropriada, ela poderia vir a destacar-se no meio rústico em que tinha nascido.

Na adolescência, Rosa tornou-se uma *sartina*, uma das quatro mil e tal costureiras de Turim que forneciam a indústria da moda então em expansão na cidade. Na sua maioria, estas costureiras retalhavam e costuravam não em fábricas clandestinas, mas sim em casa, sob a

tutela de ativistas laborais inspirados pela notável encíclica do papa Leão XIII, *Rerum novarum*, publicada em 1891, que apelava para a necessidade de salários justos e para a dignidade do trabalhador. Criada com o objetivo de combater a dupla exploração das mulheres e dos pobres, a associação de costureiras de Turim foi responsável por organizar a primeira greve na história da cidade e serviu como tubo de ensaio para o movimento sufragista em Itália. Foi no meio desta ebulição que nasceu a paixão de Rosa pela justiça social, a sua imediata identificação com as classes mais baixas e a sua vocação para dirigente secular, que mais tarde seria fortalecida na Ação Católica de Asti.

Em 2018, quando publicou um documento doutrinário intitulado *Gaudete et exsultate* [Alegrai-vos e exultai], Francisco descreveu a forma como o Espírito Santo distribuía santidade em abundância por entre o povo sagrado e fiel a Deus, tendo também dado alguns exemplos para ilustrar isso mesmo: a paciência dos pais que se esforçavam para educar os filhos, ou os enfermos e os idosos que nunca deixavam de sorrir. Fazendo referência àquilo que designou como o «génio particular» da santidade feminina, contemplou em pensamento uma mulher às compras que resistisse à tentação de se pôr a conversar sobre os últimos mexericos e ao invés disso regressasse para junto de um filho para ouvir pacientemente os seus sonhos e as suas esperanças. A santa do dia a dia que Francisco imaginou era acometida pela ansiedade, mas ainda assim rezava o terço com devoção, e mais tarde era capaz de parar na rua para dirigir palavras amáveis a um pobre. Estas ações aparentemente comuns, escreveu Francisco, tratavam de preencher com amor uma série de ocasiões do quotidiano, tomando Cristo como modelo. Cada santo deste género é «uma missão, planeada por Deus Pai para refletir e dar corpo, num determinado momento da história, a um aspeto dos Evangelhos». Foi assim que a verdadeira mudança tomou lugar, pois «os mais decisivos pontos de viragem na história mundial são substancialmente codeterminados por almas que nenhum livro de história chega alguma vez a mencionar».

Ninguém lhe teria prestado muita atenção se o seu neto não tivesse sido nomeado papa, e contudo ela era uma missão planeada pelo pai. Rosa era uma dessas «mulheres desconhecidas e esquecidas que, cada uma à sua maneira, eram capazes de amparar e transformar famílias



e comunidades inteiras com o poder do seu testemunho», conforme o neto viria a descrevê-las mais tarde. Era uma mulher apaixonada, trabalhadora e expedita; era piedosa e compassiva; tinha uma profunda confiança em Jesus Cristo e um grande amor pelo Seu povo. O seu género de fé era o indicado para que Francisco pudesse inspirar-se nela e converter a Igreja<sup>2</sup>.

Francisco gosta de salientar que Jesus conseguia sempre arranjar tempo para ouvir o seu povo. No sínodo de 2018, designou isto como «o apostolado da escuta: ouvir antes de falar», e pediu aos jovens que se encontravam presentes que perdoassem «se muitas vezes não vos ouvimos, se em vez de abriremos os vossos corações, enchemos os vossos ouvidos». Certa vez, Francisco encorajou os taxistas de Buenos Aires — muitos deles psicanalistas desempregados — a exercitar este «apostolado da escuta», pois quando ouviam confissões com as mãos ao volante, estavam a abrir «portas de esperança»<sup>3</sup>.

É por isso que ele detesta comparecer em campanhas à semelhança de um político, só para discursar e ir-se embora de seguida. Prefere primeiro dar voz às pessoas a quem se dirige e dialogar com elas. Francisco é o papa do convívio. *Vicinanza*, a palavra italiana para «proximidade», é hoje em dia uma palavra-chave para Francisco, do mesmo modo que a palavra espanhola *cercanía* o foi em Buenos Aires. Como poderia ele pregar a proximidade de Deus na Piazzetta Reale de Turim se não começasse por conhecer a sua audiência um pouco melhor? O Reino de Deus não é uma ideia, mas sim um acontecimento, um relacionamento: Deus aproximou-se do Seu povo, e o ponto de viragem na história dá-se na mesma medida em que o Seu povo consegue alcançar o significado disto. O amor de Deus não é posse única das boas pessoas, nem constitui uma recompensa para os justos. É necessário mostrar, e não simplesmente dizer, isto porque não se trata de uma ideia, doutrina, regra, norma ou lei, e um erudito e um bispo não têm mais direito a esse amor do que os taxistas de Turim desempregados e as empregadas de limpeza que hoje em dia partilham as suas histórias com o papa.

Aquilo que Francisco procura comunicar é que, quando nos voltamos para Deus, Ele transforma o nosso horizonte, como certa vez

Bento XVI formulou a questão numa frase que Francisco gosta de repetir. Não é necessário sermos fortes, ricos ou inteligentes, podendo até o poder, a riqueza e a instrução tornarem mais difícil a recepção das Boas Novas. Deus é misericórdia, e a misericórdia é algo próximo e concreto; a misericórdia nunca fica numa posição exterior, a dar palestras ou a revirar os olhos; pelo contrário, não tem medo de entrar de mangas arregaçadas. Mas para a recebermos, temos de ser humildes. É isso que permite que o amor entre em nós.

Qual seria agora o significado do Reino de Deus para os trabalhadores *torinese* que lutavam para chegar ao fim do mês, competindo com romenos e macedónios dispostos a trabalhar por metade do salário? O capital voava por todo o mundo ocidental e os trabalhadores estavam a ser afastados das linhas de produção e a ser substituídos por robots e sistemas eletrónicos. Um populista tratava de lhes acicatar a raiva, prometendo protegê-los em detrimento dos estrangeiros. Mas Francisco centra-se no sofrimento que atinge ambas as partes, nas mudanças necessárias para que todos possam prosperar na condição primordial de seres humanos. Apela à solidariedade: também os emigrantes são «vítimas da iniquidade, desta economia descartável e da guerra», diz-lhes ele na Piazzetta Reale. Acrescenta ainda que são as mulheres que têm o fardo mais pesado às costas, já que têm de trabalhar e ao mesmo tempo cuidar do lar, sendo ainda assim «alvo de discriminação, mesmo no local de trabalho». Ao dizer estas palavras, talvez pensasse em Rosa, que na longínqua década de 1920, em Asti, chegou a dar palestras sobre a doutrina social católica antes de os fascistas a terem forçado a parar<sup>4</sup>.

Francisco quer que os trabalhadores se organizem com vista à mudança, quer que eles se unam para fazerem frente aos novos ventos agrestes da economia global: «só ao unirmos esforços poderemos dizer “não” à injustiça que gera violência», diz-lhes. No mês seguinte, na Bolívia, viria a dar o seu segundo discurso empolgante dirigido aos «movimentos populares», com o intuito de os mobilizar em defesa de um outro género de modernidade globalizada, uma modernidade que não fizesse do lucro dos acionistas o principal critério da organização económica, critério esse que deveria ser o direito de todos à terra, ao trabalho e ao alojamento. Quando Francisco falava assim,

apelidavam-no de marxista, e contudo tratava-se de um apelo já antigo, repetido pelos vários papas ao longo do século xx, para que os mercados operassem em função das massas, e não de uma minoria, o mesmo gênero de funcionamento que o presidente Juan D. Perón tentou instaurar na Argentina da infância de Francisco, e Franklin D. Roosevelt tentou instaurar nos Estados Unidos. Conforme Francisco disse aos trabalhadores em Turim, o trabalho era a chave do desenvolvimento humano e social. Era imperativo que a sociedade fosse organizada para proporcionar emprego para todos.

Quando Leão XIII disse isto em 1891, durante a primeira era da globalização, a burguesia católica europeia da época opinara que o papa era doido. Que poderia o velhote de Roma saber dos portentos científicos do mercado? Não seria melhor ficar-se pela fé e pela moral e deixar esses assuntos para os homens de negócios? Na atualidade, passados 124 anos, os empresários católicos conservadores dos Estados Unidos, juntamente com os colégios e os institutos que fundaram, começaram a dizer a mesma coisa acerca do documento doutrinário de Francisco sobre o ambiente, *Laudato si'*, mesmo antes de este ter sido publicado. O papa não tinha autoridade para falar das alterações climáticas de um ponto de vista científico, por isso de que vale dar-lhe ouvidos quando ele nos recomenda pouparmos e reduzirmos o consumo energético?

Não era difícil as pessoas ricas acreditarem na sorte que tinham. No mundo em que viviam, as pessoas trabalhadoras e respeitáveis eram recompensadas; a lei de ferro do mercado, a lógica do mundo, a lei da «vida real» segundo a qual os fortes estão sempre um passo à frente porque assim o merecem — tudo isto lhes fazia sentido. Tornava mais difícil para os ricos receberem as Boas Novas, disse Francisco por ocasião da canonização do papa Paulo VI e de Óscar Romero em outubro de 2018, não porque Deus fosse cruel, mas porque «possuirmos demasiado, ou queremos demasiado, acaba por sufocar os nossos corações e tornar-nos incapazes de amar». Tendo em conta que a lógica do sistema funcionava para os pobres no sentido inverso — haviam labutado uma vida inteira e ainda assim eram os outros que acabavam por colher os frutos; tinham dado o seu melhor em favor das respetivas famílias, mas continuavam pobres

— era-lhes mais fácil compreender a lógica do Evangelho. E precisamente porque conseguiam compreender isto, era mais fácil para eles tornarem-se canais do poder de Deus conforme Ele trabalhava ao longo da história para criar um novo povo. Eram essas as Boas Novas<sup>5</sup>.

Ao regressar a Turim, em 1918, depois de dois anos a combater na Primeira Guerra Mundial, Giovanni, o avô do papa, deparou-se com uma cidade buliçosa a fervilhar de tensão. Jovens desempregados entravam em conflito ao integrarem grupos políticos rivais e viajavam aos magotes em barcos com destino à América. Os seus irmãos tinham entrado num desses barcos com destino a Buenos Aires, mas ele e Rosa, ambos com 30 e poucos anos, decidiram mudar-se para as colinas de Asti, onde Giovanni tinha familiares a residir nas aldeias localizadas em redor da cidade. Aí havia trabalho, e Mario, o único filho do casal (os outros cinco filhos de Rosa foram nados-mortos), podia ir para a escola em paz. Em Asti, Giovanni trabalhou num café, e mais tarde acabou por abrir o seu próprio estabelecimento. Rosa nunca parava de costurar, mas também se tornou dirigente num movimento religioso criado pelos bispos com o intuito de mobilizar os católicos comuns<sup>6</sup>.

A Ação Católica encontrava-se dividida em quatro grupos: homens, mulheres, rapazes e raparigas. O movimento tinha crescido rapidamente em Asti, e, em 1930, juntava já cerca de 7000 membros, e a secção das mulheres era a mais numerosa: 2398 mulheres distribuídas por 53 grupos paroquiais. Era uma rede formidável de cooperativas, de esquemas de poupanças e de empréstimos e de associações de camponeses e de trabalhadores. Juntos, formavam a espinha dorsal daquilo que veio a ser o início de um movimento democrata-cristão, o Partido Popular Italiano, fundado pelo padre Luigi Sturzo. Porém, o crescimento repentino tanto da Ação Católica como do Popolari acabou por deixar os camisas negras de Benito Mussolini alarmados. O ataque dirigido aos católicos no início da década de 1920 fez-se sentir especialmente em Asti, onde tanto o Popolari como os fascistas eram presenças fortes. Após a Marcha sobre Roma encabeçada por Mussolini, o novo papa, Pio XI, tentou refrear as tensões existentes, remetendo a Ação Católica para uma posição de neutralidade política e procurando distanciar-se do movimento de Sturzo, permanecendo todavia resolutos

na sua decisão de defender a liberdade da Igreja para se reestruturar. Porém, a situação de impasse manteve-se tensa. «Os católicos podiam juntar-se para ouvir a missa, rezar o terço e pouco mais», recorda o historiador Vittorio Rapetti<sup>7</sup>.

Procurando resistir a esta tentativa de negar a crescente presença pública da Igreja, a Ação Católica formou dirigentes arrojados, especialmente mulheres, que receberam formação especial para darem palestras em público, ideia escandalosa para os fascistas da pequena burguesia da altura. Rosa tornou-se uma das mais notáveis responsáveis da secção das mulheres. Chega a aparecer várias vezes no único jornal da povoação, o semanário diocesano *Gazzetta d'Asti*, em cujas páginas é descrita como conselheira de ação moral (*consigliera d'azione morale*), bem como secretária da ação social da secção feminina da Ação Católica. Duas vezes por semana, Rosa dava aulas de preparação para o casamento destinadas a mulheres na Igreja de São Martinho e escrevia panfletos populares. A sua oratória e coragem tornaram-na bastante conhecida nas paróquias e nos arredores da cidade, algo que por sua vez a tornou um alvo para os fascistas, que não gostavam que as mulheres imitassem os homens. Interrogavam-na com violência e procuravam dissuadi-la, e certa vez encerraram o salão onde ela iria falar em público. Impedida de entrar, Rosa optou ainda assim por fazer o seu discurso na rua, tendo subido para cima de uma mesa. Rosa tinha *cojones*.

O filho de Rosa tornou-se um membro ativo da secção jovem. A *Gazzetta d'Asti* descrevia Mario como um estudante de contabilidade (*studente in ragioneria*) que, com 17 anos, em 1925, falava «com paixão e veemência». O seu assunto de eleição viria a ser revelado três anos mais tarde, altura em que a *Gazzetta* lembrou o pai do futuro papa por ter dado «um belo discurso, bastante ilustrativo do papado, culminando num hino de admiração e louvor ao papa Pio XI, o papa da Ação Católica».

Giovanni e Rosa não estavam em condições de pagar as propinas da escola superior técnica da localidade que o filho frequentava, mas Mario conseguiu obter uma rara bolsa de estudo destinada a alunos inteligentes de poucos meios financeiros. Em 1926, após a sua graduação, Mario foi trabalhar para a sucursal da Banca d'Italia em Asti, onde as suas competências e aptidões foram enaltecidas pela última

vez em outubro de 1928. Passados poucos meses, voltava a figurar na *Gazzetta*, desta feita como elemento do júri de um concurso de catequistas. Por esta altura, já ele era um empregado bancário com experiência, e, com 1,83 metros de altura, era considerado alto para a época e para o país donde vinha. Porém, apesar de participar ativamente no clube desportivo da localidade, foi rejeitado para o serviço militar com 19 anos devido a uma «séria incapacidade física», de acordo com os registos da cidade.

Por essa altura, os camisas negras tinham alcançado já uma posição de domínio decisiva; seria apenas uma questão de tempo até que Rosa fosse forçada a tomar óleo de rícino. Giovanni decidiu finalmente partir com a família para a Argentina e juntar-se aos irmãos. No início de 1929, Mario, então com 22 anos, encontrava-se a bordo do *Giulio Cesare* com os pais, com destino a Buenos Aires, levando consigo uma carta assinada pelos padres salesianos de Turim<sup>8</sup>.

A 21 de junho de 2015, Francisco deu início ao seu discurso dirigido aos salesianos de Turim, na sua grande basílica, dedicada a Nossa Senhora, Auxiliadora dos Cristãos, começando por pôr de parte o texto que tinha preparado por ser demasiado formal. A sua decisão de optar por uma conversa mais familiar era uma das estratégias típicas de Francisco. Falar *a braccio* (de forma improvisada), como dizem os italianos, gera proximidade. Tratava-se de uma técnica utilizada por políticos e que Francisco tinha visto o general Perón usar, uma técnica que dava a sensação de o orador falar como alguém do povo, em vez de falar para o povo; porém, tratava-se também da sua imitação de Jesus.

Os salesianos, ordem religiosa fundada em Turim por São João «Don» Bosco em finais do século XIX, instruíram o jovem Jorge Mario Bergoglio na beleza e no trabalho, segundo as suas palavras; e abriram-lhe também o coração para os «três amores brancos» de Don Bosco: Nossa Senhora, a Igreja e a Eucaristia. Os salesianos tinham cultivado nele a «afetividade» e haviam-lhe ensinado a ser um missionário capaz de dar resposta, num plano prático, às necessidades dos pobres.

«Penso nos primeiros tempos da Patagónia», refletiu Francisco, «quando as freiras cavalgavam de um lado para o outro vestidas com os seus hábitos — como é que elas conseguiam andar a cavalo? —

a evangelizar a Patagônia. E os mártires salesianos da Patagônia...» Falou então dos tempos em que os avós e o pai tinham ficado alojados na companhia dos salesianos em Buenos Aires depois de terem chegado à cidade em 1929, e depois em 1932, no seguimento do fracasso do negócio do seu tio-avô no Paraná. Contou também como os padres tinham conseguido obter um empréstimo que permitira à família recomeçar do zero, e como, por causa da basílica salesiana em Almagro, conhecida localmente como a «igreja italiana», o seu pai, Mario, conhecera a mulher, Regina, com quem casaria em 1935. E descreveu o papel-chave que tivera o padre da família na igreja italiana, o padre Enrico Pozzoli, que era também piemontês. Don Enrico batizou a maior parte das crianças nessa igreja, e continuou a ajudar a família Bergoglio de inúmeras maneiras, tendo arranjado forma de dar prosseguimento à educação da filha mais velha durante um ano, por exemplo, quando Regina ficou doente.

Porém, Francisco não referiu outras histórias acerca de Don Enrico. Não contou a forma como o padre procurara servir de mediador, muitas vezes sem êxito, quando se davam as violentas discussões e contendas no seio da família do lado de Regina, por exemplo. Nem falou da altura, em dezembro de 1955, em que o ambiente no lar de Bergoglio se tornara tóxico devido à fúria de Regina quando esta tomara conhecimento de que Jorge Mario já não ia ser médico, mas sim padre. Don Enrico tinha celebrado uma missa em privado para a família por ocasião do vigésimo aniversário do casamento de Mario e Regina, e depois levava-os a tomar o pequeno-almoço num café em Flores, onde conseguira acalmar Regina com histórias referentes a várias vocações, incluindo a sua. Francisco não chegou a contar que, após um ano no seminário, Jorge Mario fora obrigado a abandonar o estabelecimento deitado numa maca, às portas da morte, devido a complicações de saúde derivadas da tuberculose que vieram a tornar imperativa a extração de um lobo pulmonar superior; nem referiu como, nesse inverno de 1957, Don Enrico o tinha ajudado a escolher uma nova vocação, nomeadamente como missionário nos jesuítas e não em representação do sacerdócio diocesano<sup>9</sup>.

A história que Francisco quis contar na basílica de Turim não era, na verdade, sobre a sua família, mas sim acerca da família mais vasta:

quis contar a forma como os homens e as mulheres de Don Bosco ajudaram a formar um povo. Quarenta anos mais tarde, em 1975, por ocasião de uma palestra que o então provincial jesuíta na Argentina havia proferido, Francisco relatara como os primeiros colaboradores de Don Bosco tinham acompanhado o grande surto de emigração transatlântico piemontês desses anos — foram mais de dois milhões de pessoas que partiram para a Argentina sozinhas — atuando como agentes de integração, juntando centenas de milhares de recém-chegados deslocados num só povo sob a proteção da Igreja e da sua rede de instituições de caridade e de escolas. Destacou o papel dos salesianos na condição de missionários entre os índios indígenas numa Patagônia selvagem e inóspita, o modo como tinham feito frente ao racismo que era então parte integrante da ideologia oficial da construção de uma nação, e o modo como tinham fundado uma série de «oratórios» na Argentina com o objetivo de facultar alimentos, escolaridade e dignidade às famílias de emigrantes. Os salesianos chegaram até a criar uma equipa de futebol, a equipa de San Lorenzo, da qual Mario, o pai do papa, continuou a ser um fervoroso adepto até ao fim dos seus dias<sup>10</sup>.

Na altura em que, como provincial jesuíta, Bergoglio criou escolas noturnas para os desempregados e cantinas para os famintos na paróquia que fundou por intermédio do Colegio Máximo, em inícios da década de 1980, foi acusado de tentar «salesianizar» a sua ordem. E quando, já cardeal, foi criticado por criar uma rede de escolas práticas nos bairros degradados de Buenos Aires, defendeu-se ao citar o exemplo de Don Bosco. Para Francisco, os salesianos representavam a proximidade de Cristo com o povo. «O salesiano é concreto», disse Francisco em Turim. «Vê o problema, pondera-o e procura resolvê-lo pelas suas próprias mãos.»<sup>11</sup>

Ao discursar na basílica de Turim, fez questão de sublinhar que muitas coisas tinham melhorado em grande medida desde os tempos de Don Bosco, embora alguns desses problemas tivessem ressurgido no presente, como o desemprego entre os jovens. Quase metade dos jovens italianos com menos de 25 anos não trabalhava ou estudava, ao passo que muitos deles morriam jovens na sequência de dependências ou do suicídio. Francisco exortava os salesianos a dar resposta à semelhança do que Don Bosco tinha feito na sua época, nomeadamente



ao atuarem como pioneiros de novas redes de trabalho no contexto de pequenas escolas em várias localidades onde se ensinasse profissões e competências técnicas para ajudar os jovens a arranjar emprego. «Vamos proporcionar-lhes tudo o que se possa revelar uma fonte de trabalho, nem que seja de trabalho básico, mesmo que seja apenas um trabalho só para o dia de hoje e não para o dia seguinte», exortou. Nessa tarde, Francisco disse aos jovens presentes na Pizza Vittorio que odiava vê-los a «aposentarem-se aos 20 anos». «Quando um jovem ama, vive e cresce, não se aposenta; ele cresce, cresce, cresce e dá.» Citou então Santo Inácio de Loiola: o amor revelava-se «mais nos feitos do que nas palavras»<sup>12</sup>.

Francisco deslocou-se para a catedral de Turim num papamóvel, atravessando a multidão ao rubro para rezar diante de uma peça de linho em padrão espinhado, mundialmente famosa, com quase quatro metros de comprimento, que ficara aí conservada desde o fim da Idade Média. Depois de se ter quedado imóvel diante do Sudário de Turim, fez o sinal da cruz e aproximou-se para tocar na câmara que conserva o tecido em gás. Talvez tenha imaginado Rosa a fazer o mesmo em 1898. Na altura uma adolescente em Turim, Rosa contar-se-ia certamente entre as 800 mil pessoas que haviam afluído em massa para venerar a peça de tecido quando fora posta em exibição nesse ano e fotografada pela primeira vez.

O negativo dessa fotografia provocou grande espanto. Parecia provar aquilo que há muito vinha a ser afirmado: que esta relíquia sagrada, que circulara entre cavaleiros franceses e acabara por se tornar propriedade da família Saboia no final da Idade Média, chegara efetivamente a cobrir o corpo crucificado de Jesus. Agora, nas vésperas do século xx, o negativo mostrava o sombreado de um homem barbado no tecido grosseiro, e as chagas resultantes da tortura a que havia sido submetido correspondiam precisamente àquelas que vinham mencionadas no Evangelho. A imagem não podia estar mais próxima daquilo que na era moderna constituía um testemunho físico da crucificação, e acabou por desencadear um século inteiro de contendas em volta da questão ciência *versus* religião. Tanto poderia tratar-se do autêntico tecido em que Cristo, crucificado e flagelado (ou qualquer outra pessoa

que tivesse partilhado precisamente o mesmo destino na altura) tinha sido envolto, como poderia tratar-se da mais impressionante falsificação criativa e devota dos tempos medievais.

Porém, a mais profunda verdade a respeito do sudário era aquilo que a peça revelava acerca da humanidade.

O Homem do Sudário é um símbolo muito diferente do abstrato Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, geometricamente perfeito, sem nenhuma marca de sofrimento. O Homem do Sudário era todo ele chagas e humilhação. Qual deles era o mais humano? Qual deles representava o amor?

«O Sudário atrai as pessoas na direção do rosto e do corpo martirizado de Jesus, e ao mesmo tempo leva a que nos aproximemos de todas as pessoas que estão a sofrer e a ser injustamente oprimidas», disse Francisco durante o ângelus na Piazza Vittorio. Isto, o rosto sofredor de Cristo, era a imagem autêntica do homem, mas era também a humildade de Deus, a sua *synktakábasis*, a sua descida ao povo, o ato de se tornar fraco entre os fracos<sup>13</sup>.

Ao final da tarde, enquanto se encontrava com os doentes e com os jovens, Francisco fez uma paragem não programada junto a uma pequena igreja de mármore rosa do século XVIII que fica na zona antiga. Os padres carmelitas que estavam à frente da paróquia de Santa Teresa de Ávila tinham sido recomendados a guardar silêncio a propósito da sua vinda, por questões de segurança, e só havia uns quantos frades para o receber e à sua comitiva. Depois de se ter vergado para beijar a pia batismal, Francisco avançou pelo meio da igreja até chegar diante do altar, onde depôs uma jarra de flores. Pediu então para rezar aí, de forma que lhe trouxeram uma cadeira, na qual ele se sentou em silêncio, com o corpo ligeiramente inclinado para a frente, com os frades atrás de si, sentados nos bancos da igreja.

Antes de se ter ido embora, pediu o livro de visitas. «Agradeço a Deus pela dádiva da minha família nesta igreja de Santa Teresa onde os meus avós se casaram e o meu pai foi batizado», escreveu ele com a sua caligrafia redonda e tremida, tendo acrescentado: «Rezei especialmente pelo próximo sínodo sobre a família.»

\*

Os primeiros tempos na Argentina foram difíceis para a família Bergoglio. O colapso do negócio de pavimentação dos irmãos Giovanni no Paraná, em 1932, vítima da recessão global, conduziu a uma segunda deslocação, desta feita para Buenos Aires. Com um empréstimo obtido pelo padre Pozzoli, a família montou uma mercearia de esquina em Flores, uma zona de imigrantes italianos. Giovanni e Rosa vendiam um pouco de tudo — açúcar, feijão, arroz, azeite e vinho —, e o ânimo e a bondade de ambos começaram a atrair alguma clientela. Impossibilitado de trabalhar no setor bancário porque a sua formação como contabilista não era reconhecida, Mario começou a entregar produtos de mercearia porta à porta na sua bicicleta.

Na basílica salesiana de Almagro, Mario deu prosseguimento à formação para a Ação Católica que tinha iniciado em Itália. A basílica era o seu centro principal de atividade, lugar onde fez amigos e viria a conhecer a sua futura mulher, Regina Sívori. Don Enrico casou-os no dia 12 de dezembro de 1935, tendo batizado o primeiro filho do casal, Jorge Mario, no dia de Natal do ano seguinte. Sucederam-se entretanto outros quatro filhos num curto período de tempo: Oscar Adrián, Marta Regina, Alberto Horacio e María Elena, a única irmã ainda viva de Francisco. Conforme começou a receber alguns trabalhos de contabilidade, Mario foi-se tornando capaz de sustentar a sua família cada vez mais numerosa. Alugou uma casa em Flores, um edifício simples de um andar, um género de habitação a que se dava o nome *casa chorizo*, já que cada divisão conduzia a outra. Jorge Mario lembrar-se-ia mais tarde do pai a fatigar os olhos de tanto ler os volumosos livros de registos das empresas da localidade ao som roufenho das óperas que eram transmitidas pela emissora de rádio estatal. Francisco dizia a brincar que deixava o seu pai com um grande pavor às finanças.

Quando Marta nasceu, Jorgito começou a ser enviado todos os dias para a casa dos avós, que ficava a poucos quarteirões de distância. Giovanni e Rosa foram o seu grande apoio nesses primeiros anos sem preocupações: as suas primeiras memórias remetem precisamente para esse constante vaivém diário entre as duas casas. Enquanto os pais estavam dispostos a andar em frente e a adaptarem-se ao novo país em que viviam, falando apenas espanhol e pondo Turim para trás das

costas, Giovanni e Rosa entregavam-se de bom grado à tarefa de ensinarem ao neto tudo o que mais amavam, misturando alegremente italiano, espanhol e piemontês. Davam-lhe assim um contexto para a sua existência.

Era uma família de classe média-baixa, austera, embora feliz. Porém, embora a paz reinasse nos lares da família Bergoglio, entre os Sívoris, a família do lado da sua mãe, a história era diferente. Nesse lar, que ficava na zona de Almagro, em Buenos Aires, na Rua Quintino Bocayuvá, prevalecia uma disputa de longa data entre os irmãos de Regina que muitas vezes desembocava em violentas discussões, durante as quais Don Enrico tentava servir de mediador sem a ajuda de mais ninguém. «Na minha família, sempre houve uma longa história de desentendimentos: tios, primos — discussões e ruturas», confidenciou Francisco numa carta em 2013 dirigida a um padre brasileiro, o padre Alexandre Awi, que tinha sido seu intérprete na altura da sua primeira visita ao Rio de Janeiro. «Em criança, chorava muito às escondidas quando estas discussões eram referidas em conversa, ou então quando eu percebia que se avizinhava uma nova discussão. Às vezes, oferecia um sacrifício ou uma penitência para tentar impedir que voltasse a acontecer o mesmo. Ficava muito afetado.»

Jorge Mario era uma criança sensível e com um grande coração, uma criança cuja experiência primordial passou pelo afeto e pela proteção, oferecidos sobretudo pela avó. O trauma das discussões e das ruturas tornou-se o ponto de partida para aquilo que viria a ser uma das missões definidoras da sua vida: reconciliar e despolarizar. Como podem as pessoas viver num ambiente de tensão e de desentendimento e ainda assim identificarem nestas coisas não uma razão para se afastarem, mas sim uma forma mais produtiva de coabitarem? Com o passar do tempo, Francisco começou a designar isto como uma «cultura do encontro», uma forma pela qual as diferenças poderiam ser niveladas e revelar-se produtivas mediante daquilo a que ele chamou «diversidade reconciliada»<sup>14</sup>.

Foi a sua paixão intelectual como jesuíta na década de 1960, nos tempos em que lia profusamente sobre a nova teologia francesa, que o levou a inspirar-se numa forma de pensamento dialético católico que se desenvolveu criticamente em resposta a Hegel. Inspirado por

Adam Möhler, o grande erudito do século XIX da Universidade de Tübingen, bem como pelos jesuítas Gaston Fessard, Erich Przywara e Henri de Lubac, passou a ver a Igreja como um *complexio oppositorum*, um sistema que sintetizava elementos que geralmente apontam em direções contrárias, criando — pelo poder do Espírito Santo — uma unidade obtida pela diversidade que respeita a diferença. Mais tarde, na década de 1980, na altura na casa dos 50 anos e contando já com experiência direta como dirigente de uma associação dividida numa altura de polarizações na Igreja e na sociedade, Bergoglio deu início a uma investigação de doutoramento com o objetivo de desenvolver a teoria de Romano Guardini assente nos contrastes polarizados, aplicando quatro princípios de discernimento que mais tarde apareceram em *Evangelii gaudium* e que desde então passaram a orientar a sua chefia: trata-se de meios para chegar à paz no seio da tensão gerada pela diferença. Tudo isto tem as suas raízes na experiência familiar durante a infância, experiência essa que «inspirou no meu coração o desejo de que as pessoas não discutissem e se mantivessem unidas», disse ele ao padre Awi. «Ou que, se discutissem, continuassem amigas.»<sup>15</sup>

As discussões fizeram dele uma criança muito séria, reservada e pensativa. Adorava música e dança, e podia também rir e brincar; porém, todos os que o conheceram em adolescente sublinham as suas qualidades como dirigente e protetor, alguém que via em si mesmo um manancial de força para as outras pessoas. Tinha uma vida interior robusta, reforçada ao ter sido enviado para um colégio interno quando a mãe começara a ter problemas de saúde após o nascimento da irmã mais nova. O ano que passou no Colegio Wilfrid Barón de los Santos Angeles, em 1949, fez com que entrasse num mundo de rapazes, desporto e aprendizagem acompanhado por um vigoroso regime religioso em que constavam missas e rosários diários, uma confissão semanal e devoções à Virgem. O internato dos salesianos preparou-o ainda melhor para a escola secundária, que começou a frequentar aos 13 anos, enquanto trabalhava em regime parcial num laboratório de química alimentar.

Nesses tempos, raramente estava em casa, dado que passava as manhãs na fábrica, das sete à uma da tarde, voltando apenas para almoçar antes de frequentar as aulas até às oito da noite. Os seus

colegas de curso do colégio de química descrevem-no como um jovem de inteligência arguta que se distinguia especialmente em literatura e religião. Porém, esses colegas sublinhavam também um lado seu que era pouco comum: Jorge Mario parecia menos preocupado com os seus próprios objetivos do que com ajudar os outros a atingir as respectivas metas. «Mesmo em adolescente, ele dedicava-se ao seu semelhante», recorda o seu colega de escola Horacio Crespo<sup>16</sup>.

A política deixava-o intrigado, não só pelo poder das ideias, mas também pela ideia de poder, a forma como o poder é construído e usado. Quando tinha algum tempo livre, adorava frequentar associações políticas e locais de encontro onde socialistas, radicais e peronistas se juntavam e debatiam ideias. Até hoje, continua a ser um *Homo politicus*, comprometido com aquilo que ele próprio designa de «grande política», a construção da *polis*. Como jesuíta, Bergoglio veio mais tarde a identificar-se com o nacionalismo popular da família da mãe, e especialmente com o peronismo da fase inicial, que remonta a finais da década de 1940, quando fez da doutrina social católica a sua ideologia dominante. Porém, durante o segundo mandato de Perón (1952-1955), à semelhança de muitos latino-americanos desses tempos, Jorge deixou-se cativar por análises marxistas, que devorava dos livros que pedia emprestados a uma comunista paraguaia com quem trabalhava. Permanecendo cético relativamente às teorias materialistas, não deixou contudo de se identificar com a revolta do marxismo perante as injustiças, e seria sempre sua convicção de que o comunismo tinha florescido porque a cristandade ocidental havia ignorado o apelo do Evangelho de pôr os pobres em primeiro lugar<sup>17</sup>.

A fé e a justiça social eram as suas duas paixões perenes. Porém, nessa altura debatia-se também com uma terceira.

Francisco lê a sua viagem espiritual no 16.º capítulo de Ezequiel, a história do controverso «casamento» de Israel com Deus, o drama de uma esposa corrompida que se torna uma prostituta digna de perdão.

Trata-se de uma vertiginosa mistura de opróbrio e de graça divina que começa com uma rapariga que nasce mal-amada, é abandonada à sua morte e é depois salva por Deus. Ele olha pela rapariga até esta chegar à idade núbil e oferece-lhe as mais requintadas joias. Vestida

com esplendor divino, a rapariga torna-se resplandecente na sua beleza. Mais tarde, porém, deslumbrada consigo mesma, começa a prostituir-se, esbanja as suas oferendas e sacrifica os próprios filhos. Furioso, Deus promete fazer justiça da forma mais violenta: ela será despojada das suas roupas diante de uma multidão que irá apedrejá-la e apunhalá-la até à morte. Mas o acesso de raiva rapidamente dá lugar a uma promessa de misericórdia. «Porque Eu estabelecerei contigo a minha aliança», diz Deus a Ezequiel/Israel, «e, então, saberás que Eu sou o Senhor, a fim de que te lembres de mim e sintas vergonha, e não abras mais a boca no meio da tua confusão, quando Eu te perdoar tudo o que fizeste.»

Quando Francisco leu estas páginas, disse a Andrea Tornielli, «tudo o que está aqui parece ter sido escrito só para mim. Jesus olhou para mim com misericórdia, pegou em mim e pôs-me na rua [...] E concedeu-me a mais importante graça divina: a graça da vergonha». Jorge Mario encontrou essa graça — o favor de Deus — já tarde na sua adolescência, precisamente na altura em que se começava a tornar um leitor persistente e confiante nas suas capacidades. A experiência da vergonha e da graça divina, de ser perdoado, de ser acolhido e depois enviado para o mundo, tem sido o sustentáculo das suas doutrinas, nomeadamente a forma como a experiência da misericórdia conduz a uma missão no mundo. Tem sido essa a ótica pela qual ele tem vindo a interpretar, por exemplo, a crise dos abusos sexuais na Igreja<sup>18</sup>.

Aos 16 anos, prestes a fazer 17, Jorge encontrava-se já numa fase avançada de desenvolvimento que os psicólogos designam como «formação do ego». A sua mãe tinha já projetado um futuro para ele, no qual o seu filho mais velho viria a exercer a profissão de médico e elevar a família a um patamar de respeitabilidade burguesa. Porém, à semelhança do mago montado no seu camelo a caminho de Belém, Jorge deu por si a enveredar por outro caminho. Jorge Mario já por várias vezes referiu o que aconteceu na Basílica de Flores no dia 21 de setembro de 1954, acrescentando em cada ocasião alguns pormenores. Mas até ter referido o assunto em conversa com Tornielli durante o Jubileu da Misericórdia, nunca tinha revelado o grau de profundidade que a experiência lhe proporcionara em matéria de emoção pura.

Enquanto ia a caminho para se encontrar com alguns amigos, entre os quais a rapariga a quem tencionava declarar-se, Jorge Mario

sentiu-se impelido a entrar na basílica, a igreja de família em Flores. A basílica era o centro da sua vida religiosa na adolescência. Não só frequentava a basílica quando ia à missa aos domingos com a família, como também a visitava semanalmente para participar nas reuniões noturnas da secção dos jovens da Ação Católica.

Eram tempos de mudança, sopravam novos ventos. O grupo da Ação Católica que integrava andava nessa altura a devorar, por exemplo, a autobiografia do monge americano Thomas Merton, intitulada *The Seven Storey Mountain*, que tinha sido recentemente publicada em Buenos Aires. A extraordinária história de misericórdia e redenção de Merton «abriu-lhes novos horizontes», conforme Francisco veio mais tarde a recordar. E seria também esta frase que iria proferir a propósito de Merton ao discursar perante o Congresso dos Estados Unidos em setembro de 2015<sup>19</sup>.

O adolescente Jorge Mario era um rapaz mais observador do que devoto. Na sua infância, não tivera nenhuma experiência em particular da misericórdia de Deus. Enquanto estava na escola salesiana, ponderara enveredar pelo sacerdócio, embora isso tivesse resultado mais de uma ideia do que de uma prece, e rapidamente esse desejo se desvaneceu. A sua verdadeira paixão era a política. Quando não estava a pensar em política, estava a pensar em raparigas, especialmente na rapariga em que entretanto se habituara a pensar como sua namorada, a quem, naquele dia, estava prestes a confessar o seu amor.

Para alguém que confiava mais no seu próprio intelecto do que naquilo que o coração lhe dizia, aquilo que ele se preparava para fazer era algo de assustador. Porém, seria uma prova de fraqueza se não o fizesse. Vivia num tumulto interior. Clamando por força e paz no seu íntimo, achou-se de súbito à porta da basílica que lhe era tão familiar, e logo entrou sem pensar duas vezes, na obscura expectativa de encontrar aí algum alívio e orientação. Enquanto os seus olhos se adaptavam à penumbra gelada, pôde ver, ao fundo do lado esquerdo da basílica, a porta aberta de um confessionário, no qual acabou por entrar, como se tivesse sido puxado por uma corda invisível. Mais tarde, veio a descrever esta sua confissão como um acaso feliz, totalmente inesperado, como se tivesse sido cuspidor de um cavalo, conforme chegou a dizer.



Era o dia de São Mateus, o cambista convertido em discípulo que Jesus recrutou, tirando-o do seu posto de cobrador de impostos. «Sem que eu me encontrasse sequer num posto alfandegário, à semelhança do santo daquele dia, o Senhor estava à minha espera, “*miserando et eligendo*”», disse Bergoglio a Don Bruno, o provincial salesiano argentino, em 1990. «Depois disso, não tive nenhuma dúvida de que viria a ser padre.» A expressão em latim *miserando et eligendo* — «fitando-o com um olhar misericordioso, ele escolheu-o» — foi retirada da descrição que Beda, *o Venerável*, faz daquele momento em que Jesus cativou Mateus. Seria esse o lema de Francisco como bispo e mais tarde como papa, bem como o seu modelo para a evangelização.

Não foi só a porta do confessionário que Jorge abriu naquele dia. Independentemente de ter ou não carregado o fardo de alguma falta grave ou de ter simplesmente desabafado tudo o que em si era confusão e vergonha, aquilo que o levou a censurar-se no seu íntimo não é importante. O que interessava era que a sua vergonha, juntamente com o seu ato de acusação sobre si mesmo, o pôs à mercê da misericórdia de Deus e fez com que as portas da graça divina se abrissem de par em par. É difícil expressar por metáforas o que ele viu e sentiu do outro lado — uma águia a voar a grande altura, um súbito raio de luz vindo de uma montanha? —, e contudo essa experiência não deixa de ser real. Nesses momentos, aquilo que desponta é uma consciência da assombrosa totalidade de tudo o que existe, e, ao mesmo tempo, do amor particular do Criador por uma pessoa, tal como ela se apresenta. E com essa experiência surge um novo horizonte: o universo não é, afinal de contas, um lugar gélido e vazio onde impera uma sobrevivência cruel, mas sim um caloroso ventre de possibilidades, criado pelo amor e no seio deste. Um homem pode chegar a esta descoberta na idade adolescente e passar o resto da vida a tentar comunicá-la aos outros.

«Um encontro pessoal que me tocou o coração e atribuiu uma orientação e um novo significado à minha existência», foi assim que Francisco descreveu a sua experiência ao seu amigo ateu Eugenio Scalfari. À semelhança de muitos outros cétricos modernos, o jornalista e editor italiano tinha questionado a necessidade de uma igreja institucional: porque não acreditar sem pertencer? Francisco contou então

a sua história para mostrar que o «encontro pessoal» que tinha mudado a sua vida fora proporcionado pela «comunidade de fé na qual vivi... Acredite, sem a Igreja eu não teria sido capaz de encontrar Jesus, embora tenha a consciência de que a fé, essa dádiva imensa, se encontra guardada nos frágeis recipientes de barro da nossa humanidade»<sup>20</sup>.

A Igreja proporcionou não só o lugar desse encontro, como também uma espécie de roteiro para atravessar a imensa floresta de decisões que foi preciso tomar posteriormente. O seu confessor, o padre Carlos Duarte Ibarra, era um pastor humilde, oriundo da província pobre de Corrientes, que na altura residia no presbitério de Flores enquanto recebia tratamento médico para a leucemia. «Ao confessar-me na sua presença, senti-me acolhido pela misericórdia de Deus», disse o papa a Tornielli. Durante o ano seguinte, conforme Jorge o procurava em busca de orientação espiritual, o padre Ibarra foi ajudando o jovem a estar atento aos «movimentos» operados na sua alma, a forma como o brando apelo de Deus pode ser decifrado no meio da tempestade dos nossos desejos e confusões mentais. Esse apelo poderia ter-lhe indicado a via do casamento e da medicina, mas Jorge descobriu que se tratava da via do sacerdócio e da correspondente missão, apelo que lhe dizia especificamente para oferecer aquilo que tinha experimentado com o padre Ibarra: a afeição de Deus revelada por intermédio de um discernimento espiritual devidamente orientado. Sessenta anos depois, como papa, Francisco tem vindo a trabalhar para garantir que a Igreja proporciona essa experiência a todos os jovens.

Passado um ano do encontro de Jorge com a misericórdia de Deus, o cancro que tinha vindo a consumir o seu confessor acabou finalmente por vencê-lo. O jovem ficou devastado. «Chorei muito nessa noite, muito mesmo, e escondi-me no meu quarto [...] Tinha perdido a pessoa que me ajudara a sentir a misericórdia de Deus.»

Por essa altura, já ele encetara o seu caminho. No ano seguinte, terminou os estudos de química e deixou a mãe chocada com a notícia de que viria a ser um médico de almas em vez de corpos. Enquanto esperava para entrar no seminário, foi rezar para a basílica salesiana em Almagro, a igreja onde tinha sido batizado, para procurar libertar-se da tensão criada entre Aquele que dirige o Seu brando apelo e o eu que tenta agarrar-se a todo o custo àquilo que é seu.

\*

No dia 27 de maio de 2017, Francisco, à semelhança do que tinha feito em Turim, deu início à sua visita de um dia à cidade de Génova com um encontro de perguntas e respostas com os trabalhadores de uma fábrica de aço que vivia momentos difíceis. Nesse encontro, disse-lhes quão comovido se sentia por se encontrar tão perto do porto onde o pai e os avós tinham embarcado para Buenos Aires em pleno inverno de 1929. «Como filho de emigrantes», disse-lhes, «agradeço a vossa receção acolhedora.»

Então, deu início a um dia de evangelização, ensinando a proximidade de Deus perante o povo de Deus. A seguir à fábrica de aço, participou num encontro com o clero e os religiosos da catedral da cidade, após o qual se reuniu com os jovens que se juntavam no santuário mariano com vista para a cidade e para o mar. Depois, almoçou com 120 refugiados, emigrantes e sem-abrigo, antes de ir visitar o hospital pediátrico. No final do dia, celebrou missa perto do porto, perante uma assistência de 80 mil pessoas.

Para os trabalhadores e empresários, Francisco não se limitara a esclarecer os princípios éticos de uma economia regulada de forma justa; tratara também de refletir sobre a diferença entre um empresário e um especulador. Um bom empresário conhece os seus trabalhadores, investe neles, cria oportunidades que os favoreçam, e é para si um grande tormento quando se vê obrigado a despedi-los, ao passo que um especulador não tem amor algum aos trabalhadores, vendo-os como meios descartáveis utilizados para assegurar o seu próprio lucro. A lição de Francisco era mais ampla. «Quando a economia perde o contacto com o rosto das pessoas, torna-se também uma economia sem rosto e logo desumana.»<sup>21</sup>

No encontro com os clérigos, Francisco serviu-se da mesma ideia, estabelecendo o contraste entre o padre bom pastor e o padre homem de negócios. Reparem como Jesus passava o seu dia, disse-lhes Francisco: uma boa parte do tempo passava-o a rezar sozinho, e depois fazia-se à estrada acompanhado por uma multidão, sempre «perto do povo e dos seus problemas. Nunca se escondia». Andava sempre em viagem, e nunca olhava para o relógio, por assim dizer, para a seguir dizer:

«Ainda tenho isto e isto para fazer»; pelo contrário, estava sempre disponível para o povo, especialmente para os desfavorecidos. Não tenham medo de serem arrastados nesta e naquela direção, dizia-lhes Francisco: «deixem-se ficar extenuados pelas pessoas». Tenham medo, isso sim, da estagnação e de uma organização excessiva, da vontade de ter tudo organizado na perfeição. «Diria que esse género de vida, tão estruturada, não é uma vida cristã», disse-lhes com um sorriso. «Talvez esse pároco seja um bom homem de negócios, mas pergunto a mim mesmo: será um cristão?»

Ao ser questionado acerca de vocações — a vocação para o sacerdócio, para a vida religiosa, para o casamento —, Francisco respondeu que as pessoas só poderiam escolher aquilo que exerce um poder de atração sobre elas, e o que atrai é a alegria. «Temos de dar uma prova de que estamos felizes e de que viveremos felizes até ao fim dos nossos dias por termos sido escolhidos por Jesus», disse-lhes. Porém, esta alegria não era sinónimo de mera diversão, disse Francisco aos jovens no Santuário de Nossa Senhora da Guarda. A alegria brotava do coração e nada nem ninguém a poderia roubar, além de que se proporcionava quando as pessoas se juntavam aos seus semelhantes, não como se fossem turistas, mas como se estivessem numa missão, todos iguais e filhos de Deus. Significava fazer parte do povo, ouvir atentamente e olhar para os outros com «os olhos do coração». Significava compaixão. «Amor é sermos capazes de apertar uma mão que está suja, é a capacidade de olhar nos olhos daqueles que estão angustiados e dizer, “Para mim, tu és Jesus”. E este é o início de cada missão, este amor com o qual devo sair para a rua e falar.»

Então, Francisco contou aos jovens que visitara certa vez uma prisão em Buenos Aires e conhecera um homem que assassinara mais de cinquenta pessoas. «E eu pensei: *mas tu és Jesus*, porque Ele disse, se tu me visitares na prisão, eu estarei lá, nesse homem.»

Ser-se missionário, nas suas palavras, é uma espécie de loucura.

«Parto em missão», disse ele, «para levar um grande amor.»<sup>22</sup>

## Se os Cães Ladram

Não foram as réplicas dos terremotos que abalaram a Itália central em janeiro de 2017 que tanto perturbaram a paz do grão-mestre da Ordem de Malta, mas sim um outro género de abalo que fez estremecer as antigas fundações da sua sede em Roma. Aquilo que ele pôde ouvir foi o retumbar da reforma.

«Embora tentasse desfrutar de um Advento e de uma quadra natalícia serenos, tem sido difícil concentrar-me noutras coisas», escreveu Matthew Festing num tom aborrecido aos milhares de cavaleiros, sentado à secretária do Palácio Magistral. «Tem sido muito cansativo.»

Mesmo para os padrões de prudência e contenção pessoal da aristocracia inglesa, isto era uma descrição bastante subtil do confronto direto com o papa Francisco para o qual o grão-mestre havia empurrado a ordem. Aquilo que o *The New York Times* designou «uma guerra por procuração entre o papa Francisco e os tradicionalistas do Vaticano que se lhe opõem» dizia respeito à maior crise da Ordem de Malta alguma vez registada na era moderna, e contudo Fra' Festing («Fra» é a abreviatura de *frate*, irmão) expressou-se como se os seus cavaleiros estivessem todos de cama com gripe<sup>1</sup>.

Os cavaleiros da Ordem de Malta contra o papa Francisco? Ora aí estava algo que iria certamente captar o interesse das redações dos jornais. Desde a bula papal *Pie postulatio voluntatis*, emitida a 15 de fevereiro de 1113, que punha a ordem sob a égide da Santa Sé, que a fidelidade ao papado se havia tornado uma parte da interessante história dos cavaleiros, tanto quanto os seus relatos de façanhas militares e de cuidados prestados aos enfermos.

Fundada no tempo das Cruzadas como ordem religiosa de homens que tinham por missão proteger e cuidar dos peregrinos que seguiam a caminho da Terra Santa, os cavaleiros hospitalários, como ficaram primeiramente conhecidos, ajudaram a derrotar os turcos na Batalha de Lepanto, e ao longo de cinco séculos ocuparam as ilhas mediterrânicas de Rodas e de Malta, até terem sido expulsos por Napoleão no final do século XVIII. Agora, os cavaleiros confrontavam-se com um desafio de outro género: uma controvérsia acerca da direção da ordem que tinha conhecido o completo desnorte depois de um cardeal tradicionalista americano ter tentado servir-se da autoridade do papa num jogo de poderes no seio do Vaticano digno dos tempos dos Bórgia.

Agora desprovida de territórios, podendo ainda assim reivindicar uma soberania no que diz respeito a propósitos humanitários, desde o século XIX que a ordem tem comandado as suas atividades de beneficência a partir do número 68 da Via dei Condotti, a mais elegante e sofisticada rua de comércio de Roma. À semelhança de uma velha condessa numa passarela de supermodelos, o seu bafento *palazzo* encontra-se localizado, da forma mais incongruente que se possa imaginar, entre as reluzentes fachadas das lojas Hermès e Jimmy Choo. No interior do Palácio Magistral, há um mundo de requinte e de riquezas antigas à espreita. Criados de libré com bandejas de prata caminham silenciosamente por salões repletos de peças de mobília com ornatos dourados, por sua vez rodeadas de paredes forradas de seda e cobertas com obras de arte dos antigos mestres da pintura. Nas paredes dos corredores, estão dispostas várias vitrinas com espadas cinzeladas que noutros tempos haviam sido usadas para esventrar os invasores otomanos. Existe inclusive uma capela concebida por Piranesi.

Há muito que a ordem desativou a sua vertente militar, com o intuito de concentrar todos os seus esforços nos cuidados facultados aos enfermos. O hospital existente no andar de baixo destinado aos desfavorecidos é uma das partes integrantes da missão médico-humanitária da ordem, que conta com um orçamento de mil milhões de dólares por ano e se distribui à escala mundial por 120 países, envolvendo 13 500 «cavaleiros» e «damas», 25 mil funcionários e 120 mil voluntários. No exterior do edifício, é possível ver-se uma frota de *Mercedes* pretos estacionados, cada um com a bandeira e a matrícula

referentes ao corpo diplomático da ordem, lembrando que a ordem mantém relações de soberania com mais de uma centena de estados, incluindo a Santa Sé, a União Europeia e a Organização das Nações Unidas, a última das quais reconhece à ordem o seu estatuto de agente não estatal, à semelhança do que acontece com a Cruz Vermelha.

Ainda assim, a Ordem de Malta não é simplesmente uma ONG. Trata-se de uma ordem religiosa laica cujo núcleo conta com umas poucas dúzias de celibatários que fizeram um voto de castidade, os chamados cavaleiros de primeira classe, cavaleiros esses que, juntamente com milhares de cavaleiros «comuns», na sua maioria leigos casados, se dedicam ao «enaltecimento da glória de Deus pela santificação dos seus membros, do serviço prestado à Fé e ao Santo Padre (o papa), e do auxílio prestado ao nosso semelhante», conforme é referido na carta da ordem. Com o objetivo de orientar o propósito espiritual da ordem e especialmente os seus cavaleiros de primeira classe, o papa nomeia um cardeal (ou capelão) *patronus* para o representar. Em novembro de 2014, Francisco nomeou para este cargo o seu crítico mais preeminente, o cardeal americano Raymond Burke, o porta-voz da vociferante ala tradicionalista da Igreja.

Vedeta nos círculos de conferencistas conservadores americanos e italianos, Burke tornou-se uma figura infame na Igreja devido à exuberância exibida na sua indumentária litúrgica marcadamente afetada, não raras vezes caminhando em procissão com umas compridas luvas de veludo e arrastando atrás de si uma capa magna de seda escarlate que jovens acólitos seguram enquanto tosem envoltos numa nuvem de incenso. Num livro acerca da homossexualidade no Vaticano, Frédéric Martel assinalou a forma como Burke «consegue deambular de um lado para o outro todo aprumado com a sua capa magna, envergando uma batina extremamente comprida, com uma profusão de rendas brancas ou vestido com uma túnica que mais parece um roupão, sendo ao mesmo tempo capaz de denunciar numa entrevista, em nome da tradição, “uma Igreja que se tornou demasiado efeminada”»<sup>2</sup>.

Burke era prodigamente tradicionalista, mas não era nenhum fósil. As suas lúgubres palestras, atravessadas pelo medo e por um pessimismo negro acerca do estado do mundo e da Igreja, eram

combinadas com uma confiança pueril nos méritos de Donald Trump e numa abertura perante os *media* que era rara entre cardeais. Quando não estava a viajar, podia facilmente ser encontrado no seu apartamento de mais de 400 metros quadrados mesmo à saída da Via della Conciliazione, onde a sua mitra se encontra conservada numa vitrina, à semelhança de uma relíquia. Nesse apartamento, recebia constantemente americanos conservadores abastados que se ajoelhavam para beijar o anel de ouro que usava no dedo<sup>3</sup>.

Burke era um jurista canónico, e até Francisco o ter nomeado *patronus* da ordem, o cardeal havia sido o principal juiz do Vaticano no Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, o equivalente a um tribunal de apelação de última instância. Os seus apoiantes retrataram o afastamento de Burke do Tribunal da Assinatura como um castigo de Francisco na sequência das entrevistas tóxicas que o cardeal deu durante o sínodo sobre a família de outubro de 2014, quando declarou a um semanário espanhol que a Igreja sob o comando de Francisco era «como um barco sem timoneiro» a bordo do qual os fiéis se sentiam «indispostos porque o barco da Igreja perdeu o seu rumo». Porém, os colaboradores do papa dizem que Burke foi afastado do Tribunal da Assinatura Apostólica por causa da sua oposição a uma das alterações cruciais no plano de ação da Igreja definida pelos bispos: tornar os processos de anulação de casamentos mais céleres e menos dispendiosos. O papa e Burke chegaram a acordo a respeito do afastamento do último, mas esta mudança só foi divulgada mais tarde, de forma que o cardeal pudesse participar no evento. Também não terá sido intenção do papa silenciar o seu mais acérrimo crítico entre os cardeais. Quando Burke disse a Francisco que a única forma que tinha de o servir seria dizendo-lhe «a verdade da forma mais eficaz e clara possível», o papa respondeu-lhe: «É precisamente isso que eu quero.» Longe de amordaçar ou de castigar Burke, a nomeação de Francisco concedeu-lhe uma liberdade sem precedentes para expor as suas opiniões, e o cardeal não levou muito tempo a tirar partido dessa oportunidade<sup>4</sup>.

Francisco tinha razões para nomear Burke para o cargo de capelão da ordem. Num encontro no dia 9 de setembro de 2014, Francisco disse ao seu novo *patronus* para proceder a uma «necessária purificação do espírito secular e especificamente no seio da franco-maçonomia na



Ordem de Malta», tarefa que, no entender do papa, requeria um cardeal mais novo e americano. Burke perguntou-lhe se ele dispunha de alguma informação em concreto com base na qual pudesse agir. Francisco disse apenas que tinha a certeza de que havia franco-mações na ordem que eram também cavaleiros<sup>5</sup>.

Francisco ficara a par disto na Argentina. Nesse país, a Ordem de Malta era mais conhecida pelos seus jogos de poder e atividades comerciais do que propriamente por outras de cariz beneficente, e Francisco tinha conhecimento da existência de cavaleiros que eram também abastados membros de lojas maçónicas. A secção local da ordem havia exercido uma influência desmesurada na Igreja argentina devido aos estreitos laços que mantinha com o secretário de Estado do papa João Paulo II, o cardeal Angelo Sodano, juntamente com o número dois de Sodano, o cardeal argentino Leonardo Sandri. Tanto um como o outro eram preeminentes cavaleiros da Ordem de Malta que mantinham laços estreitos com o empresário argentino Esteban «Cacho» Caselli, que, como ministro dos Assuntos Religiosos no governo profundamente corrupto da década de 1990 comandado por Carlos Menem, teceu uma série de laços ideológicos e financeiros com a ordem. Conhecido também pela sua associação à poderosa loja maçónica italiana P2, Caselli garantiu um constante fluxo de receitas proveniente dos contribuintes argentinos destinado a financiar projetos do Vaticano. Apesar das ligações maçónicas de Caselli, Sodano e Sandri abriram portas para que este se tornasse cavaleiro da ordem. Mais tarde, Antonio, filho de Caselli, foi nomeado embaixador da ordem em Buenos Aires<sup>6</sup>.

Em 1998, quando foi nomeado arcebispo, Bergoglio resistiu notoriamente às tentativas por parte do Caselli mais velho no sentido de o subornar, na sequência das quais Cacho procurou bloquear os seus passos por todos os meios. Em resultado disto, as relações entre Bergoglio e os cavaleiros argentinos tornaram-se tensas, já que entre esses cavaleiros se contavam dois bispos ultraconservadores. Um deles, Héctor Arguer, arcebispo de La Plata, foi o principal oponente de Bergoglio na conferência episcopal entre 1998 e 2013. Outro era Oscar Sarlinga, um cavaleiro que fora nomeado bispo de Zárate-Campana depois de Sodano e Caselli terem convencido o papa

Bento XVI a nomeá-lo em 2006 contra as vontades de Bergoglio e da conferência episcopal. Sarlinga, que era na altura o capelão dos cavaleiros, veio mais tarde a estar envolvido no fulcro de um conluio operado em 2008 que tivera como objetivo destituir Bergoglio do cargo de arcebispo de Buenos Aires<sup>7</sup>.

Eram precisamente estas atividades ilícitas que Francisco tinha em mente quando se referiu ao «espírito mundano» da ordem: a utilização da Igreja e das suas organizações com vista a jogos de poder e à troca de favores.

Porém, Burke dificilmente poderia ser o homem destinado a combater semelhantes maquinações; o cardeal planeou usar a sua sinecura da Ordem de Malta para avançar com o seu próprio movimento tradicionalista. Mais concretamente, o seu objetivo era garantir financiamento por parte da ordem destinado à sociedade de padres tradicionalistas que ele próprio apadrinhava, o Instituto de Cristo Rei e Sumo Sacerdote (ICRSS), cujos membros negam autoridade doutrinária ao Concílio Vaticano II.

O objetivo a longo prazo de Burke era proceder à integração do seu instituto na ordem e procurar exercer mais influência e poder do que a distância da sua posição lhe permitia. Para o efeito, era necessário tornar-se indispensável para Festing e para outros cavaleiros de primeira classe que nessa altura procuravam esquivar-se às propostas de reformadores alemães e defensores da modernização no seio da ordem. Ao contrário de Fra' Festing e dos seus cavaleiros de primeira classe, os alemães eram católicos da corrente dominante que estavam satisfeitos com o Concílio Vaticano II e com o pontificado de Francisco. Era inevitável que se gerasse um conflito<sup>8</sup>.

A chegada de Burke ao Palácio Magistral avivou um incêndio que já tinha começado nesse mesmo ano com as eleições na ordem, que tinham trazido a público uma disputa entre dois grupos. De um lado, havia a pequena clique de cariz tradicionalista composta por uma meia dúzia de cavaleiros de primeira classe associados a Fra' Festing; por outro, contavam-se milhares de cavaleiros e damas de «segunda classe», na sua maioria leigos casados. Entre estes últimos, a abastada Associação Alemã — que comanda as operações da Malteser International

— tinha uma presença particularmente forte. Em 2014, Festing deixou de poder dirigir o governo da ordem depois de os cavaleiros de segunda classe terem assegurado metade dos assentos do conselho diretivo da ordem, o Conselho Soberano, composto por onze membros e até então dominado pelos cavaleiros de primeira classe. As relações entre Fra' Festing e o seu conselho e entre os cavaleiros professos e os cavaleiros de segunda classe tornaram-se cada vez mais tensas. O grão-mestre nutria uma aversão particular pelo dirigente *de facto* do grupo alemão, o barão Albrecht von Boeselager, que, na sequência da eleição, passou a ser o grão-chanceler, cargo que era uma espécie de combinação de primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros. Em representação de uma ordem mais vasta, Boeselager almejava a reforma.

Não deixa de ser irónico o tradicionalista Festing, que mal conseguia mencionar o nome de Francisco, ter ficado grato pelo novo *patronus*, ao passo que a Associação Alemã, que apoiava Francisco, ficou horrorizada com a escolha do papa. O que realmente melindrava os seus membros eram as vociferantes opiniões de direita dura de Burke acerca da imigração e do islão, mais surpreendentes ainda por irem contra a Malteser International e a sua defesa dos emigrantes, contrariando também a natureza das suas relações com os países muçulmanos, nos quais levava a cabo programas de socorro. Para evitar uma crise na eventualidade de uma reação negativa por parte do Médio Oriente, o diretor do departamento de comunicação da ordem chegou a acordo com Burke para emitir um comunicado de imprensa no qual se deixava claro que as opiniões do cardeal eram apenas suas e não da ordem<sup>9</sup>.

Como grão-mestre — um estatuto para toda a vida —, Fra' Festing, então com 67 anos de idade, era uma figura sem papas na língua, jovial e corpulenta, que podia muitas vezes ser encontrada em Roma a servir massa aos sem-abrigo durante a noite. Porém, atravessara bastantes dificuldades no seu cargo de dirigente. Deixando-se facilmente comandar por outros membros (como seria comandado pelo cardeal Burke), tendo-se mostrado, ainda assim, bastante espinhoso na defesa da sua autoridade, Festing ficara especialmente melindrado com as tentativas por parte de Boeselager, neto aristocrático de um aclamado dirigente da resistência antinazi, no sentido de o obrigar a responder pelas decisões que tomava.

Boeselager era uma figura venerada no seio da ordem, contando com uma longa experiência no que dizia respeito à direção da sua vertente humanitária, a Malteser International. Foi profundamente crítico da administração de Festing, que no seu entender ignorava a transparência e a responsabilidade exigidas pela constituição da ordem, e foi especialmente crítico de uma série de episódios que levaram os cavaleiros ao total descrédito, sendo disso exemplo a forma profundamente inadequada como Festing terá lidado com o caso de um membro tradicionalista da ordem em Inglaterra que foi condenado por abusos sexuais perpetrados a meninos. A irritação de Festing perante o seu crítico alemão não parava de crescer, e os dois homens entraram repetidas vezes em conflito<sup>10</sup>.

Agora, com a ajuda de Burke, Festing conseguia desvendar uma forma de afastar Boeselager. O plano envolvia preservativos.

Como dirigente da Malteser International, Boeselager, então o grão-hospitalário, tinha descoberto em 2013 que algumas das instituições que a organização tinha financiado estavam a defender o uso de (e inclusive a distribuir) preservativos como parte da sua tentativa de combater a sida no Sudão do Sul, no Quênia e em Myanmar. Num ápice, retirou o financiamento a dois desses projetos, embora tenha durante algum tempo continuado a permitir que o terceiro projeto se mantivesse ativo numa região do norte de Myanmar, onde a pobreza era extrema e a prostituição forçada estava por trás da rápida propagação da sida, já que os preservativos se revelavam eficazes no sentido de a reduzir.

Na altura, Boeselager procurou aconselhar-se junto do comité de ética da Malteser International, que acabou por apoiar a orientação das suas decisões. Mais tarde, também a terceira instituição se achou privada de financiamento. Porém, a questão era complexa do ponto de vista ético, e Boeselager encarregou um grupo de trabalho, por sua vez orientado pelo diretor espiritual da Malteser, o bispo Marc Stenger, de Troyes, em França, de definir diretrizes que pudessem estar em conformidade com outras instituições de caridade católicas com projetos de desenvolvimento internacional. A ordem aceitou esta proposta e procedeu à revisão das diretrizes em 2014, por volta da mesma altura em que Boeselager foi eleito grão-chanceler.

A legitimidade do uso de preservativos com o intuito de prevenir a transmissão de doenças (por contraposição com o seu uso como meio de contraceção no casamento, algo que tinha sido proibido pela encíclica de 1968 intitulada *Humanae vitae*) fora durante muitos anos assunto de debate acalorado entre eticistas católicos e cardeais, que na sua maioria haviam invocado a doutrina do duplo efeito. Se a intenção primária do uso profilático era prevenir a morte e a doença ao invés de evitar a gravidez, então não se tratava de contraceção; e nos casos em que a abstinência sexual (o meio mais eficaz de prevenir a sida) não era uma medida possível ou sequer razoável, o uso do preservativo poderia ser lícito ou justificável.

Porém, a maioria das agências de desenvolvimento católicas recusou-se a distribuir preservativos, tendo, no entanto, promovido a abstinência e a fidelidade, que, fosse como fosse, eram as soluções mais eficazes para a sida. Contudo, essas mesmas agências reconheciam a existência de uma zona cinzenta em grupos de alto risco, como as prostitutas que vendiam o próprio corpo para alimentar os filhos, ou os casais casados serodiscordantes (nos quais um dos parceiros tem sida, ao contrário do outro). Muitos eticistas, incluindo os que se contavam entre a Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), do Vaticano, defendiam que, especialmente no caso do casal serodiscordante, semelhante uso profilático poderia ser legítimo, de forma que o mesmo poderia ser pelo menos recomendado pelas agências. Porém, um pequeno grupo de tradicionalistas que então dominava a Pontifícia Academia para a Vida mostrava-se contra essa posição; dizia que o uso de preservativo nunca deixaria de ser uma medida intrinsecamente errada, já que o seu uso conduzia a atos antimatrimoniais. Mesmo que fosse usado para efeitos profiláticos, o seu uso era sinónimo de «cooperação com o mal».

Consciente das situações desoladoras com que as agências de desenvolvimento se confrontavam no terreno, e estando igualmente a par da falta de consenso entre os eticistas, o papa Bento XVI foi suficientemente cauteloso para não criticar nenhum dos lados. Porém, em 2010, tomou cautelosamente uma posição contra os tradicionalistas ao comentar numa entrevista incluída num livro que a decisão por parte de um prostituto de usar preservativo para prevenir a transmissão da sida

poderia ser o início de um despertar moral. Os rigoristas, entre os quais se contavam membros da Pontifícia Academia para a Vida e os professores John Haas e Luke Gormally, ficaram furiosos com estas declarações e acabaram por sugerir num tom aniquilador que o papa carecia de competências no campo da teologia moral.

Em outubro de 2014, quando ficou a par das novas diretrizes adotadas pela Malteser International, Festing incumbiu Haas e Gormally de preparar um relatório, contando com o apoio de Burke para o efeito. As conclusões extremamente parciais dos dois professores, divulgadas em janeiro de 2016, criticavam a comissão de ética da Malteser, designando-o como «inadequado» e «incompetente», e afirmavam que as decisões tomadas por Boeselager eram «erróneas». Os critérios utilizados para chegarem a esse veredito baseavam-se em pressupostos relacionados com a doutrina da Igreja que iam muito para lá dos ensinamentos do magistério e divergiam inclusive dos pontos de vista da CDF. Ainda assim, o relatório servia os propósitos de Burke e de Festing, que poderia utilizá-lo contra Boeselager<sup>11</sup>.

Em junho de 2016, Francisco recebeu o grão-mestre e outros grandes oficiais da ordem, incluindo Boeselager, pese embora a ausência de Burke. O papa perguntou-lhes se Burke tinha feito progressos na tentativa de purgar a ordem de franco-mações, e contudo era a primeira vez que os presentes ouviam falar dessa ordem do papa; Burke nunca lhes dissera nada a esse respeito.

Em novembro seguinte, Burke encontrou-se com Francisco pela primeira vez em dois anos. Seis semanas antes, o cardeal tinha dado início à sua campanha contra a exortação do papa dedicada ao tema da família, *Amoris laetitia*, que resultara de um consenso entre dois sínodos turbulentos segundo o qual as pessoas que se tinham divorciado e voltado a casar sem proceder a uma anulação poderiam em alguns casos ser admitidas na eucaristia. Com o auxílio de três cardeais aposentados, Burke escrevera ao papa a acusá-lo (mediante uma série de perguntas de resposta sim/não, disfarçadas de dúvidas, ou *dubia*) de rejeitar a doutrina da Igreja. Francisco não fez nenhuma referência à carta quando se deu o encontro entre os dois. Passados poucos dias, o cardeal referiu publicamente essa carta, tendo feito uma rebuscada encenação em torno da sua tristeza e do seu pesar<sup>12</sup>.

Na reunião, Francisco perguntou a Burke quais tinham sido os progressos deste na missão que lhe fora atribuída dois anos antes. Não houve resposta. Porém, o cardeal afirmou ter desvendado um outro gênero de «mundanidade» no seio da ordem. Com ar triunfante, Burke pegou no relatório dos rigoristas que condenavam Boeselager e a sua comissão de ética e estendeu-o ao papa, dando-lhe um resumo verbal daquilo que haviam sido as suas descobertas. À semelhança do que se passara com a carta com *dubia*, tratava-se de uma armadilha de jurista manhoso. Se o papa não reagisse às descobertas mencionadas no relatório, Burke poderia servir-se do mesmo para afirmar que Francisco não estava a defender a doutrina da Igreja conforme se esperava que fizesse; se o papa respondesse de forma positiva, Burke e Festing poderiam usar o relatório para destituir Boeselager.

Francisco prometeu que iria enviar a Burke uma carta formal com instruções com vista a reformar a ordem. Datada de 1 de dezembro, a missiva do papa era bastante clara: Burke deveria levar a bom porto a sua tarefa de «promover os interesses espirituais da ordem e dos seus membros, bem como as relações entre a Santa Sé e a ordem». Em particular, conforme Francisco realçou, Burke deveria assegurar-se de que os cavaleiros evitavam «associações, movimentos e organizações de natureza relativista» e que qualquer cavaleiro que fosse membro de tais organizações «recebesse instruções para se afastar da ordem». Tratava-se de um mandado inequívoco que indicava por escrito que Burke deveria agora fazer aquilo que o papa lhe tinha pedido dois anos antes.

Posteriormente, Francisco respondeu com cautela ao relatório que Burke lhe tinha dado, dizendo que ficaria dececionado «se — conforme me diz — alguns dos grandes oficiais estivessem a par de práticas como a distribuição de todo e qualquer gênero de contraceptivos e não tivessem ainda intervindo para pôr fim a tais coisas». Se assim for, prosseguiu Francisco, «não tenho dúvidas de que, se tivermos em conta o princípio de Paulo, “testemunhando a verdade no amor” (Efésios, 4:15), o assunto poderá ser discutido com esses oficiais, podendo-se assim alcançar a retificação necessária». Naturalmente, Boeselager mantivera-se atento e tomara medidas três anos antes para pôr fim a todo e qualquer gênero de convivência na distribuição de meios contraceptivos.

Porém, Burke pensou que tinha já tudo de que precisava para se livrar de Boeselager em proveito de Festing. Foi de modo triunfante que apresentou a missiva papal ao grão-mestre no dia 6 de dezembro, juntamente com uma carta de apresentação que resumia a ordem de Francisco nos termos de «purificação de um espírito mundano e do uso de métodos e procedimentos contrários à lei moral» vigente na ordem. Contudo, não chegou a fazer nenhuma referência à Franco-Maçonaria, insinuando que o mandado do papa dizia respeito à questão dos preservativos. «Dada a seriedade do assunto em causa», disse Burke a Festing, movido por um certo entusiasmo, «peço a sua total cooperação, para evitar que o Santo Padre considere necessário confrontar-se pessoalmente com o problema com uma visita oficial à ordem»<sup>13</sup>.

Nessa mesma tarde, Festing reuniu com Boeselager na presença de Burke e de Ludwig Hoffmann von Rumerstein, o grande comandante da ordem. Festing acusou Boeselager de ser um «católico liberal» e exigiu a sua demissão, tendo-lhe dito que se tratava «da vontade expressa da Santa Sé, conforme lhe fora comunicado pelo cardeal patrono». E Festing avisou: se ele não se demitisse, correriam o risco de uma «visita apostólica». «Isso é uma ameaça?», perguntou Boeselager. «Não», respondeu Burke com frieza. «É um facto.» Boeselager recusou-se a apresentar a sua demissão<sup>14</sup>.

No dia seguinte, Festing pediu ao Conselho Soberano que votasse a destituição de Boeselager, com uma maioria composta por dois terços dos membros, mas o conselho recusou. Entretanto, Boeselager procurou obter a confirmação por parte da Secretaria de Estado de que a afirmação de Burke era falsa, tendo conseguido obtê-la: não era «a vontade da Santa Sé» que ele se demitisse. Ao final da tarde, Festing reuniu com Burke, que passara a assumir o comando das operações. O cardeal disse-lhe que, no dia seguinte, iria acontecer «uma de três coisas»: Boeselager aceitaria demitir-se, Festing decidiria afastá-lo do cargo, acusando-o de desobediência, ou então «o cardeal patrono irá recomendar ao papa Francisco que dê início a uma visita apostólica à ordem».

No dia 8 de dezembro, Festing arranjou uma forma de passar por cima do conselho, tendo emitido um «decreto magistral» que ditava a



suspensão de Boeselager como grão-chanceler, justificando a decisão com base num ato de desobediência. O grão-mestre escreveu então a mais de duzentos altos-oficiais da ordem para os informar da decisão, ameaçando suspender todos aqueles que discordassem. Alarmados, alguns deles escreveram ao secretário de Estado, o cardeal Pietro Parolin, perguntando-lhe se era realmente verdade que o papa queria que Boeselager se demitisse<sup>15</sup>.

Entretanto, a imprensa ficou a par da história, e, de um momento para o outro, esta discreta ordem aristocrática viu-se no meio de uma tempestade.

Francisco é muitas vezes descrito, não sem alguma reverência à mistura, como um estratega exímio, um chefe astuto que consegue manter o rumo durante os conflitos, sendo sempre capaz de prever o desenrolar dos acontecimentos com grande antecedência. Isto é verdade: a sua agudeza de espírito é-lhe inata, algo que não é sempre característico das pessoas muito inteligentes. Essa agudeza de espírito está enraizada na sua capacidade de ler as pessoas e as situações, sendo em grande medida o fruto da sua experiência como mestre dos Exercícios Espirituais. Porém, uma parte, pelo menos, dessa agudeza de espírito resulta da influência do peronismo.

No começo da década de 1970, o jovem padre jesuíta Jorge Mario Bergoglio esteve envolvido, se bem que de modo tangencial, na Guarda de Ferro, nome curioso para uma organização essencialmente peronista que permaneceu ativa entre as classes médias-baixas da Argentina em cidades como Buenos Aires e Rosario. Bergoglio tomara conhecimento da existência da Guarda por meio da paróquia jesuíta em San Miguel, onde fora padre, bem como em Buenos Aires, onde a organização tinha forte presença, nomeadamente na Universidade Jesuíta de Salvador.

Bergoglio não foi membro da Guarda. Porém, tinha uma afinidade natural com o movimento inspirado pelos dois mandatos presidenciais do general Juan Domingo Perón (1945–1955). Perón alargou o eleitorado para incluir a classe trabalhadora urbana e as mulheres, beneficiando com o crescimento repentino em tempo de guerra do fabrico de produtos que, no passado, haviam sido importados. A sua retórica estava muito próxima da doutrina social dos papas, e o seu governo elaborou

leis para aquilo que a Igreja há muito ambicionava: salários justos, sindicatos, habitação, saúde e o direito de voto para as mulheres.

Porém, o segundo mandato de Perón foi uma história diferente. O movimento perdeu as suas raízes, tornou-se ideológico e autoritário, bélico e agressivo. Perón foi destituído num golpe militar em 1955, após um confronto com a Igreja devido ao declínio do regime que ameaçava tornar-se um culto de personalidade de contornos quase religiosos. Contudo, a repressão do peronismo que se deu nos anos seguintes por parte do regime militar serviu apenas para fortalecer a proximidade do povo com o movimento.

Em finais da década de 1960, na altura em que a Argentina atravessava um novo período de ditadura, o apelo dirigido a Perón para que regressasse do seu exílio em Madrid e participasse nas eleições tornou-se mais insistente do que nunca. Entre 1969 e o seu regresso em 1973, a Argentina foi um país atormentado com greves, protestos e manobras de guerrilha pontuadas por bombardeamentos e sequestros.

Foram estes os anos que corresponderam à rápida ascensão de Bergoglio dentro da Companhia de Jesus. Ordenado em 1969, pouco antes de completar 33 anos, regressou a San Miguel depois de ter passado alguns meses em Espanha, e recebeu os seus diplomas em fevereiro de 1971. Foram-lhe atribuídos cargos da maior importância: vice-reitor do Colegio Máximo, mestre dos noviços e professor de teologia pastoral. Tornou-se também «consultor», isto é, membro do conselho provincial composto por vários conselheiros, e, em abril de 1973, professou os últimos votos de pobreza, castidade e obediência, juntamente com o quarto voto de obediência ao papa com vista a futuras missões. No seguinte mês de julho, quando tinha apenas 36 anos, foi nomeado provincial, no meio de uma crise de chefia na província jesuíta da Argentina e no decorrer de uma série de cisões tanto na Igreja como na sociedade.

A Guarda era uma das muitas organizações (incluindo Forças Armadas tanto à direita como à esquerda) que faziam campanha a favor do regresso de Perón, e contudo era a única organização que preservava uma doutrina peronista autêntica e que se mostrava obediente às ordens do seu chefe. Ao contrário dos Montoneros e de outros grupos armados, a Guarda rejeitava a violência e identificava-se

proximamente com as raízes nacionais-populares do peronismo e com os fundamentos católicos. Sem ser filiado da organização, Bergoglio identificava-se em grande medida com a política cultural da guarda e com a sua visão de uma união continental latino-americana, *la patria grande*. Bergoglio era «um padre que por acaso também era peronista, em vez de ser um padre peronista», conforme referiu o político e antigo *guardián* Julio Bárbaro. A Guarda descobriu no jovem jesuíta um padre que era capaz de se manter próximo da sua ideologia durante uma curta, mas intensa existência entre 1969 e 1974, quando a organização se dissolveu no seguimento do regresso de Perón como presidente e a morte deste um ano depois. Nessa altura, a Guarda conseguiu expandir-se até alcançar os dez mil membros, tendo vindo a servir de molde para uma geração de futuros políticos e ativistas peronistas, muitos dos quais acabariam mais tarde por se cruzar novamente com Bergoglio quando este era já cardeal e eles eram ministros do governo ou sindicalistas.

Francisco é o primeiro papa a sugerir que os visitantes gravem nos seus smartphones curtas mensagens de vídeo com palavras de alento da sua autoria para depois as levarem às respetivas comunidades. Nos primeiros anos da década de 1970, os dirigentes da Guarda viajavam para Espanha com o intuito de se encontrarem com o seu dirigente exilado e regressarem depois com mensagens gravadas pelo próprio Perón destinadas ao povo. Os *guardianes* andavam depois de porta em porta a reproduzir as gravações nos bairros pobres de Buenos Aires e Rosario. Ouvirem a voz de *el líder* e as suas mensagens de alento desencadeava nessas pessoas reações intensas e ajudava-as a moldar as respetivas consciências. «Foi isso que nos educou», recorda Humberto Podetti, jurista e intelectual peronista. «A ideia era aprender com o diálogo entre Perón e o povo.»<sup>16</sup>

A experiência nos bairros pobres era complementada com uma formidável lista de leituras; entre estes livros, contavam-se alguns volumes de estratégia militar de cariz prático e outros de teoria política. Porém, estas leituras visavam sobretudo aprofundar o pensamento e as táticas de Perón. Neste sentido, destacavam-se dois textos: a visão de organização de Perón, num título de 1949, *La Comunidad Organizada*, e *Conducción Política*, um conjunto de palestras que o general

deu sobre estratégia e capacidades de chefia em 1952. Tanto a primeira como a segunda obra revelar-se-iam essenciais para a formação de Bergoglio, dado que continham lições práticas que complementavam o seu conhecimento das noções de chefia extraído dos Exercícios Espirituais e das Constituições Jesuítas.

Pode traduzir-se *Conducción Política* por «chefia política», mas no vocabulário de Perón a palavra *conductor* deve remeter mais para um diretor de orquestra do que para um político. A noção de *conducción* envolve uma certa mestria e técnica, implica tática e estratégia, e, acima de tudo, uma ligação visceral e emocional. Um *conductor* inspira e encoraja. A sua figura é exemplar em matéria de otimismo, objetivos claros, coragem e virtude; é também ele que está disposto a sacrificar tudo pelo seu povo. Cabe-lhe a si organizar, educar e formar os seus apoiantes para os juntar numa só força capaz de entrar em ação. Esse *conductor* é capaz de exercer disciplina porque é respeitado e porque consegue alcançar objetivos em favor do povo. «Um bom chefe», diz Perón, «nunca se vê obrigado a dar ordens, já que tem a capacidade de dirigir».

Essa capacidade de dirigir depende da sua aptidão para persuadir e convencer. «Nem sempre os patrões conseguem fazer o que querem», disse Francisco à agência Reuters no verão de 2018. «Têm de ser capazes de convencer. Há um verbo, uma palavra, que me ajuda muito a governar: “persuadir”. Falo de persuasão, de persuadir pouco a pouco, se disso formos capazes.» Em *Conducción Política*, Perón explica como se deve persuadir, nomeadamente mediante mensagens concebidas de forma inteligente (daí o lema de Perón para a Argentina, «Soberania política, independência económica e justiça social», ter forçado os seus adversários a concordarem com esses princípios ou a oporem-se-lhes) e mediante um aspeto crucial, que é levar a cabo ações concretas que possam demonstrar o compromisso do chefe com a mensagem que o próprio advoga<sup>17</sup>.

O chefe introduz as mudanças necessárias de forma decisiva, embora paciente, operando «da periferia para o centro», refere Perón, dando tempo às pessoas para se ajustarem: demasiadas mudanças no centro geram uma reação defensiva. Entretanto, o chefe deve manter-se acima de qualquer disputa, nos momentos mais acesos, e sem tomar partido

deve também encorajar as diferentes facções a aproximarem-se entre si. O chefe não permite que os acontecimentos o afastem do caminho traçado: os resultados inesperados são sempre inevitáveis, e contudo poderão ser ajustados se o chefe se mantiver resoluto na sua decisão de concretizar o plano geral, do mesmo modo que os fracassos estratégicos não são fatais se num plano geral a estratégia for bem-sucedida. O mesmo se aplica com igual veracidade à popularidade de um chefe, que acabará sempre por sofrer flutuações de semana a semana, embora um chefe seja capaz de resistir à impopularidade se a sua credibilidade e o seu prestígio forem aumentando com perseverança.

Segundo Perón, um bom chefe nunca é severo. Ele precisa de se adaptar e de se mostrar flexível, e nunca deverá ser intransigente em questões que envolvam princípios fundamentais. Para que um chefe consiga levar os outros a fazer metade daquilo que deseja que façam, terá de os deixar fazer metade daquilo que eles querem fazer, certificando-se ao mesmo tempo de que a sua parte daquilo que deseja ver realizado é essencial para atingir os objetivos gerais que estipulou em primeiro lugar. Um chefe nunca deve basear-se numa só fonte de informação ou em informações obtidas mediante terceiros, devendo ao invés disso verificar pessoalmente as fontes originais sempre que tal seja possível: a qualidade da sua chefia mede-se em conformidade com o género de informação a que tem acesso. O verdadeiro chefe mantém-se inescrutável, nunca revela o jogo e deve servir-se do elemento de surpresa como arma secreta. Uma ação súbita e inesperada que possa desarmar os adversários é uma das ferramentas mais eficazes de um chefe. Conforme Perón ensinava, o êxito «é obtido num momento decisivo e com um golpe decisivo». Isto exprime a necessidade de aguentar pacientemente os ataques ao longo do tempo enquanto se procura identificar o «centro de gravidade» onde a ação irá acontecer. Então, quando chegar a altura certa, o chefe deve acertar com força, «no momento e no sítio certo».

«Ninguém na Argentina tem dúvidas de que o papa é um “peronista puro”, um admirador de Perón fascinado pela política», observa o comentador político Carlos Cué. Porém, o peronismo moderno está longe de ser puro. A última vez que Bergoglio manifestou algum género de apoio ao partido foi em 1983, quando a Argentina teve as suas

primeiras eleições depois de a Guerra das Malvinas ter posto um ponto final na ditadura militar. O então reitor do Colegio Máximo e o seu círculo mostraram-se abertamente pró-peronistas, numa eleição em que a maior parte dos argentinos votaram no vencedor dessa eleição, Raúl Alfonsín, o advogado de direitos humanos da União Cívica Radical. Porém, desde então, o peronismo degenerou em fações de esquerda e de direita que eram indistinguíveis de outras ideologias políticas; na década de 1990, como bispo, e na década de 2000, como cardeal-arcebispo, Bergoglio manteve uma distância discreta em relação às presidências de Carlos Menem e Néstor Kirchner<sup>18</sup>.

Ainda assim, os peronistas de velha cepa da geração da Guarda de Ferro veem Francisco em ação e sorriem ao detetarem as semelhanças, tanto no estilo como no modo de governar, nem que seja pela forma como ele procura chegar a todos sem se deixar amarrar, ou pelo modo como se identifica com o «povo» em detrimento das «elites». «Para dirigir um povo», escreveu Perón em *Conducción Política*, «o primeiro requisito é ter-se saído do povo, pensar e sentir como o povo, isto é, ser-se “como” o povo». O general dava uma grande importância às suas origens mestiças (dizia-se que ele tinha tanto de índio tehuelche como da habitual mescla argentina de italiano e espanhol) e nutria muito orgulho pelas suas raízes, nunca tendo ambicionado pertencer às classes de latifundiários da Argentina, do mesmo modo que Francisco se opõe a que o identifiquem com qualquer espécie de aristocracia. Perón era um comunicador nato e tinha uma habilidade natural para expressar grandes ideias com palavras simples, servindo-se de metáforas do quotidiano e expressões gaúchas, insistindo para que os seus apoiantes fossem também gente «do povo», não deixando nunca de falar e de agir para os manter sempre próximos das pessoas comuns. É difícil não detetar semelhanças na postura de Francisco, nomeadamente quando este insiste que os pastores pertencem ao povo de Deus, ou quando se serve das expressões populares de um pastor em vez de utilizar outras mais sonantes e próprias de um teólogo, preferindo citar a sua *nonna* Rosa ao dizer que as mortalhas não têm bolsos, ou ao observar com algum sarcasmo que não costumamos ver camiões de mudanças a acompanharem a marcha dos carros fúnebres.

Neste caso, não se trata apenas de pragmatismo político. Na retórica de Francisco e de Perón há um elemento iconoclasta e antiaristocrático, elemento esse que opera uma deslocação: o poder é retirado das elites e entregue ao povo, embora de uma forma organizada e contida, com o *conductor* firme no seu posto de comando. E em ambos os casos há também um elemento radical e plebeu que pode muitas vezes soar a suspeita em relação à academia e ao privilégio social. Francisco gosta de evocar a proximidade de Perón com um bispo, Nicolás de Carlo, junto do qual procurava aconselhar-se para verificar se os seus discursos estavam em conformidade com a doutrina social católica, e a ocasião em que, ao atribuir um prémio a De Carlo em 1948, Perón dissera aos bispos que a cristandade era uma «religião vocacionada para os pobres, para aqueles que estão sedentos e famintos de justiça». É precisamente esta energia bíblica da fase inicial do peronismo que os peronistas de velha cepa da Argentina detetaram em Francisco. Veem-no a salvaguardar a visão espiritual que é o fulcro do peronismo e a reformulá-la em benefício de uma geração futura, do mesmo modo que, quando Francisco discursa em Roma, essas pessoas acabam por se recordar de *el líder* no seu exílio madrileno, proporcionando um rumo e orientação às milícias que estão na sua pátria<sup>19</sup>.

Os velhos *guardianes* veem também em Francisco o mesmo domínio para governar: o mesmo estilo reservado que deixa toda a gente a tentar adivinhar qual será o seu próximo passo, a mesma habilidade para deixar fações diferentes na expectativa, mantendo uma certa tensão de parte a parte, e por último a forma como parece estar a par de tudo e de todos. Aqueles que tentam atravessar-se no caminho de Francisco com ardis e jogos de poder acabam geralmente por sair derrotados durante o processo. Depois, essas mesmas pessoas resmungam sem ironia que aquele que tão bem compreende o uso do poder dificilmente poderá ser um santo e humilde cristão. Porém, foi Jesus quem aconselhou os cristãos para que tivessem corações de cordeiro e a astúcia de serpentes. Conforme o papa disse aos jesuítas na Lituânia em 2018, eles teriam de ser capazes de «discernir tanto no campo de Deus como no campo do diabo [...] Temos de pedir para saber quais são as intenções do Senhor e quais são as intenções dos inimigos da natureza humana, bem como os seus ludíbrios»<sup>20</sup>.

\*

Em meados de dezembro de 2016, o secretário de Estado de Francisco, o cardeal Parolin, escreveu a Festing para deixar claro que o papa tinha sido bastante explícito que se deveria fazer uso do diálogo para resolver os problemas e que não fora a «vontade da Santa Sé» a estipular o afastamento de Boeselager. Parolin pediu então que o grão-chanceler fosse readmitido. Festing recusou este pedido, tendo declarado (a conselho de Burke, segundo fontes da Ordem de Malta) que a sua decisão era um «ato de administração governamental interna e por conseguinte diz unicamente respeito às suas competências». Era verdadeiramente assombroso que uma organização católica se dirigisse deste modo ao representante do papa. Conforme Parolin fez notar na sua resposta, cabia à Santa Sé o direito de intervir, já que a Ordem de Malta havia professado obediência ao sucessor de São Pedro.

Francisco nomeou uma comissão composta por cinco pesos-pesados, encabeçada por um diplomata do Vaticano, o arcebispo Silvano Tomasi, tendo dado instruções para que apresentassem rapidamente um relatório sobre o assunto, antes de janeiro de 2017. Fazendo pouco caso da situação, Festing classificou a comissão nos termos de uma «irrelevância judicial» e numa carta dirigida aos cavaleiros de todo o mundo pediu-lhes que não colaborassem. Conforme Festing lhes disse, se prestassem algum género de depoimento, eram obrigados a concordar com a decisão de Festing de exonerar Boeselager.

Os seguidores de Burke entraram então em ação, servindo-se de artigos e de mensagens publicadas em blogues para acusar o papa de levar a cabo uma purga «autocrática». O semanário britânico *Catholic Herald* divulgou a notícia com a manchete «Os Cavaleiros Que não Recuam» e afirmou que a intervenção do Vaticano era o equivalente à invasão de um país por outro. Mas isto revelava uma certa confusão a respeito da natureza dupla da ordem. A autonomia da ordem era indissociável das suas relações com outros estados na condição de organização humanitária, e essa soberania só lhe pertencia porque a ordem permanecia sob a égide da Santa Sé. Tratando-se de uma organização religiosa, a ordem encontrava-se sob a jurisdição direta do papa<sup>21</sup>.



Os donativos começaram a escassear. «As pessoas decidiram deixar de nos ajudar porque acharam que estávamos a travar uma luta contra o papa», lembrou mais tarde com pesar Dominique Prince de La Rochefoucauld-Montbel, o atual grão-hospitalário. Por todo o mundo, os cavaleiros insurgiram-se não contra o papa mas sim contra o grão-mestre, ignorando as ameaças de retaliação se por acaso prestassem algum depoimento que revelasse os fracassos de Festing como chefe. No dia 23 de janeiro de 2017, o relatório de Tomasi chegou à Santa Sé, e nesse documento estava incluída mais de uma centena de depoimentos por escrito que denunciavam a má administração de Festing.

Estava-se na iminência de uma catástrofe. Após algumas reuniões apressadas entre o Conselho Soberano e a Secretaria de Estado da Santa Sé, os cavaleiros rebeldes — entretanto reduzidos a um pequeno círculo de reacionários apoiantes de Festing e de Burke — hastearam a bandeira branca. Conforme a revista de sociedade *Tatler* referiu na manchete a noticiar o caso, os cavaleiros de Festing eram agora conhecidos como «os janotas que enfrentaram o papa (e perderam)»<sup>22</sup>.

Por essa altura, Francisco recebeu a visita de um padre argentino, a quem confiou um resumo pormenorizado das diferentes fações e das tensões que se tinham gerado no seio do órgão administrativo da Ordem de Malta. «Nunca se sabe o que ele está a pensar até ao momento em que consegue destrinçar tudo», disse-me o padre (que durante longos anos tinha trabalhado em conjunto com Bergoglio em Buenos Aires) nessa noite enquanto jantávamos em Roma. «Quando de repente nos conta [o que tem em mente], significa que está prestes a tomar medidas.» E, de facto, Festing foi convocado no dia seguinte para reunir com o papa, tendo-lhe sido posteriormente pedido que apresentasse a demissão.

Nessa noite, estavam também sentados à nossa mesa dois colaboradores próximos do papa que trabalham no Vaticano, bem como um segundo padre e teólogo argentino que conhece bem o papa. Todos eles concordaram que Francisco é exímio neste género de tensões, não só no sentido em que sabe como gerir a situação, mas também porque consegue vê-la como produtiva. «Não quer dizer que ele goste do conflito propriamente dito», observou um deles. «A questão é que ele

vê [no conflito] uma oportunidade para mudar alguma coisa. É isso que está a acontecer neste caso.»

«Às vezes, ele irá dizer ou fazer alguma coisa para provocar, isto para que as pessoas se revelem», corroborou o padre Antonio Spadaro, SJ, na sede do famoso periódico do qual é editor, *La Civiltà Cattolica*, sede essa que, por uma gloriosa coincidência, se localiza em Villa Malta. «Depois, fica satisfeito e assume novamente o comando.» Francisco contou a Spadaro numa entrevista que «a oposição abre novos caminhos», e que «de um modo geral, posso dizer que adoro a oposição». A tensão agita as coisas, abre novos horizontes. É um sinal de vida. Por outro lado, Francisco começa a preocupar-se quando tudo parece calmo. Precisa de ver todas as peças do jogo em movimento. No confronto um tanto exótico desencadeado em torno da Ordem de Malta, Francisco desvendara uma oportunidade para operar uma reforma com vista a mobilizar e a consolidar a missão única da ordem. As maquinações de Burke tinham provocado o caos, mas também a oportunidade para que se desse uma mudança.

Uma vez tornada pública, a oposição pode ser utilizada para cumprir os desígnios de Deus. Um outro colaborador próximo do papa diz que gosta de citar uma frase apócrifa atribuída a Dom Quixote de Cervantes: «Se os cães ladram, quer dizer que estamos a avançar, Sancho.»<sup>23</sup>

Depois de ter reunido com o papa no dia seguinte, a 25 de janeiro de 2017, e de lhe ter sido apresentada uma longa lista de queixas acerca da sua chefia, Festing disse-lhe que era um homem bom e um católico devoto. Francisco insistira que seria mais fácil reformar a ordem sem a sua presença, e Festing acabara por concordar, aliviado por poder regressar à sua casa em Northumberland, na Inglaterra. Entretanto, Burke tentou sem êxito persuadir o inglês a abandonar a sua decisão de apresentar a demissão, alegando que Francisco não tinha o direito de pedir tal coisa. Numa conferência de imprensa em inícios de fevereiro, Boeselager limitara-se a dizer, com uma discrição aristocrática, que o grão-mestre fora «imprudente»<sup>24</sup>.

O Conselho Soberano reuniu para ratificar a demissão de Festing e para implementar as medidas exigidas por Parolin, o secretário de Estado do Vaticano: reintegrar Boeselager e tornar nulas todas as decisões tomadas por Festing no período depois de ter despedido o

grão-chanceler. Um comunicado fez saber que as decisões do Santo Padre tinham sido «cautelosamente tomadas com respeito e consideração à ordem, com a determinação de fortalecer a sua soberania». Boeselager veio mais tarde dizer aos jornalistas que a soberania dos cavaleiros nunca fora posta em dúvida e que a razão da intervenção do papa se explicava unicamente por a sua autoridade ter sido invocada.

Francisco passou então a comandar discretamente um processo de reforma, tendo nomeado um oficial de topo da Secretaria de Estado, o arcebispo (agora cardeal) Angelo Becciu, para se encarregar da renovação espiritual e moral da ordem, especialmente a dos seus membros professos, em concordância com o propósito da própria ordem: «enaltecer a glória de Deus pela santificação dos seus membros, do serviço prestado à Fé e ao Santo Padre e do auxílio prestado ao nosso semelhante.» Burke preservou nominalmente o seu título, mas na prática foi suplantado por Becciu, conforme Francisco deixou claro na carta que escreveu ao seu delegado. Porém, o papa não castigou Burke. Mais tarde, incumbiu-o de investigar os casos de abuso sexual ocorridos em Guam, tendo inclusive chegado a nomeá-lo juiz para o Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica<sup>25</sup>.

A carta do papa dirigida à ordem era paternal, mas não deixava margem para dúvidas: a soberania da ordem *tinha um propósito*. O carácter único da ordem dos cavaleiros, que era em simultâneo uma organização religiosa e uma entidade soberana em relação ao direito internacional, era o fundamento «para um serviço mais eficaz em conformidade com o carisma, antigo mas sempre relevante». Esse carisma estava inscrito no lema da ordem, *tuitio fidei et obsequium pauperum*: defesa da fé e assistência aos pobres. Tratava-se de valores recíprocos: um tinha de inspirar o outro.

Becciu pediu aos cavaleiros que considerassem uma forma de estarem mais próximos da Igreja e como se poderia «dar maior ímpeto ao serviço caritativo prestado aos mais necessitados, tanto no plano espiritual como material». Aos poucos, começou a surgir uma missão mais clara. Conforme Boeselager viria a defini-la: «Não podemos ir ao encontro dos desfavorecidos sem Cristo, mas também não podemos seguir Cristo sem ir ao encontro dos desfavorecidos»<sup>26</sup>.

Este novo discernimento foi o resultado de um encontro no dia 25 de abril de 2017, quando Francisco reuniu com quinze cavaleiros superiores durante uma hora na Casa de Santa Marta. O papa estava presente «em duplas funções», conforme disse aos presentes na reunião. «Sou vosso superior porque vocês fazem parte de uma ordem religiosa e são cavaleiros de primeira classe, e nesse sentido devo cumprir o meu dever como superior. Quanto aos restantes membros presentes, sou vosso pastor e o vosso papa, e farei tudo o que estiver ao meu alcance para apoiar a vossa missão, e não interferirei com a vossa soberania; em vez disso, irei defendê-la porque compreendo a sua verdadeira importância.»<sup>27</sup>

A reunião não foi mais do que uma discussão aberta conduzida por um mestre espiritual jesuíta. Francisco disse-lhes que a razão de ser da crise no seio da ordem se explicava porque Deus estava envolvido, algo que significava também o envolvimento do diabo, mas que em tais momentos de tentação, especialmente aqueles que terminam em fracasso, são uma oportunidade única para a renovação, para uma renovada dependência de Cristo.

Surgiu então um tema em conversa: o papel da Ordem de Malta na missão da Igreja em relação às franjas da sociedade. Os cavaleiros tinham uma missão relativamente a duas fronteiras distintas, tanto uma como a outra necessitadas de salvação: por um lado, os pobres e marginalizados do mundo, e, por outro, os ricos e os nobres. A ordem era chamada para habitar a tensão espiritual que se vivia entre esses dois polos opostos, era convocada para manter próximo, à custa de grandes esforços, aquilo que o mundo via como uma contradição, pois era justamente nesses espaços que o Espírito Santo podia agir.

Francisco não queria suprimir o «polo» dos ricos e dos nobres. Não queria que os cavaleiros prescindissem das suas espadas e dragonas, das suas capas e boinas. Os criados de libré continuariam a deslizar ao longo de corredores forrados a seda. Tratava-se de uma ordem aristocrática que continuaria a atrair o interesse de nobres abastados; tinha uma tradição e uma cultura. Mas também tinha uma missão a cumprir no que dizia respeito à outra margem da sociedade, ao mundo daqueles que sofriam e passavam dificuldades, e a conversão tornava-se possível ao manter juntos esses dois polos contrários. «O Espírito

Santo entra em ação no momento em que se consegue que estas pessoas “privilegiadas” contactem com os desfavorecidos», disse-lhes Francisco.

Deu-se início a uma reforma na ordem. Dois membros apresentaram a demissão como cavaleiros assim que se descobriu que eram franco-mações, e a ordem «continua vigilante», conforme me disse o seu porta-voz. Os cavaleiros de primeira classe «têm agora períodos de vida comunitária, para fortalecer a sua espiritualidade», disse o mesmo responsável, acrescentando que tinham sido criadas novas regras com vista a uma «administração mais transparente e maior conformidade financeira». Foram também atribuídos cargos de maior relevância às mulheres, conhecidas como damas, na administração da ordem. O processo de recrutamento destinado aos cavaleiros professos, que nos tempos de Festing se pautara por uma negligência alarmante, tornou-se mais rigoroso, e foram também introduzidas melhorias na formação de todos os cavaleiros. Em junho de 2019, a ordem chegou inclusive a proibir a santa missa segundo o ritual antigo nas suas celebrações oficiais, evocando a necessidade de união. Esta decisão fez cessar quaisquer futuras tentativas da parte dos aliados de Festing de «tornar o rito tridentino e o tradicionalismo a ideologia central da ordem», conforme uma fonte da ordem pôs a questão<sup>28</sup>.

Operara-se também uma conversão em Francisco. O papa acabara por visitar certos aspetos do passado da ordem que tanto o haviam chocado na Argentina. Entretanto, conseguira discernir a verdadeira missão que era o fulcro dos desígnios dos cavaleiros e a forma como os seus membros poderiam tornar-se mais próximos de Deus, pondo-se ao serviço dos pobres. «Uma Igreja que não esteja próxima do povo não é uma Igreja», disse Francisco ao *El País* em janeiro de 2017, numa altura em que se gerara um impasse na ordem.

É uma boa ONG. Ou uma organização devota e composta por boas pessoas que se juntam para tomar chá e levarem a cabo ações de caridade. O traço distintivo da Igreja é a sua *proximidade*. A Igreja somos todos nós. Por conseguinte, o problema a evitar é a quebra nessa proximidade. Estar próximo é entrar em contacto, entrar em contacto com Cristo, com a sua pele e com o seu sangue, por intermédio do nosso semelhante. Quando Jesus se refere à

forma como seremos julgados, no capítulo 25 do Evangelho Segundo Mateus, ele fala também acerca de darmos a mão ao nosso semelhante: Eu tinha fome, estava na prisão, estava doente [...] Estar-se sempre próximo das necessidades do nosso semelhante. Isto não é apenas caridade. É muito mais do que isso.<sup>29</sup>

Embora a demissão de Festing tenha sido um alívio para muitas pessoas, constituiu um choque para alguns cavaleiros da ordem, que em declarações à Reuters disseram que era análoga à renúncia de Bento XVI. No fim de semana seguinte ao afastamento do grão-mestre, surgiram dezenas de cartazes em redor do Vaticano com o retrato de um papa Francisco de semblante severo por cima de algumas palavras escritas no dialeto romanesco que o acusavam de «decapitar» a Ordem de Malta. O dialeto foi utilizado com o propósito de sugerir que a crítica era de certo modo tecida pela voz do «povo» e não por um grupo de pressão composto por tradicionalistas abastados.

Francisco só se referiu aos cartazes passadas algumas semanas, na altura em que prestou declarações ao *Die Zeit*, no princípio de março, dizendo que, embora não considerasse o cardeal Burke um inimigo — «é um excelente jurista» —, os fundamentalistas católicos tinham-no feito recordar a certeza de Pedro, o apóstolo, pouco antes de este ter traído Cristo. Quando o questionaram acerca dos cartazes, Francisco disse que o dialeto romanesco era «muito belo», sendo claramente obra de «uma pessoa muito culta». «Alguém daqui?», perguntou o jornalista, referindo-se ao Vaticano. «Não: uma pessoa culta!», respondeu Francisco, desatando às gargalhadas.

Era uma piada com ecos do papa João XXIII, que, ao perguntarem-lhe quantas pessoas trabalhavam no Vaticano, havia respondido: «Cerca de metade.»

No início de março de 2013, quando o cardeal Bergoglio se sentou à mesa para um almoço frugal de caldo (era o período da Quaresma) na companhia de dois cardeais espanhóis durante a Congregação Geral na fase pré-conclave, todos eles concordaram que o próximo papa seria um género de pessoa «São Francisco de Assis», com amor pelos desfavorecidos e uma visão religiosa que rejeita a mentalidade nós-e-eles. E, como prova da sua humildade, devia também ter sentido de humor.

Ter-se sentido de humor é uma «graça divina», «fruto da consolação do Espírito Santo», disse Francisco aos jesuítas irlandeses em 2018, quando lhe perguntaram como conservava um «coração alegre» apesar de tudo o que lhe acontecia. «Parece que o Senhor mo concedeu», disse-lhes.

As orações ajudam-no a recebê-lo. Todos os dias, ao longo de 40 anos, depois de rezar os salmos e as orações matinais, Francisco recitou sempre uma oração escrita por São Tomás Morus que termina assim: «Concedei-me, Senhor, o sentido de humor. Concedei-me a graça de ser capaz de aceitar um gracejo e de descobrir um pouco de alegria na vida, e de ser capaz de partilhá-la com os outros.»

Francisco viria a precisar mais do que nunca desse sentido de humor quando chegasse a altura de se confrontar com o problema das finanças do Vaticano<sup>30</sup>.

Depois de *Francisco* — *O Grande Reformador*,  
Austen Ivereigh traz-nos um retrato  
do Papa que nos transporta para o debate  
que ocorre no Vaticano sobre o futuro da Igreja.

Na tentativa de criar uma Igreja mais acolhedora e atenta, que envolva a humanidade na misericórdia de Deus, o primeiro Papa latino-americano da História despertou medos profundos entre aqueles que se opõem ferozmente ao mundo moderno.

São vários os motivos que estão na base das rebeliões que o Papa Francisco tem enfrentado, entre permitir que os católicos divorciados tenham acesso aos sacramentos, a tentativa de criar um catolicismo mais «ecológico», a defesa dos migrantes ou o historial de abuso sexual dentro da Igreja Católica. Delas tem emergido como um líder de visão e de capacidades notáveis, com um foco espiritual implacável — um líder em paz no tumulto que o rodeia —, cujo objetivo é colocar Cristo, e não o poder, no centro do catolicismo.

Com divertidas pequenas histórias, informações privilegiadas e análise especializada, Austen Ivereigh viaja pelos episódios-chave da reforma de Francisco em Roma, e em toda a Igreja, colocando em foco as frustrações e a fúria, assim como as alegrias e os sucessos de um dos mais notáveis pontificados da era contemporânea.

«Uma leitura essencial para os futuros historiadores  
do papado de Francisco.»

*The Tablet*

DO MESMO  
AUTOR:



v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-564-175-8



9 789895 641758

Temas Atuais